

Org.: Sueli Rodrigues da Rocha

Moinhos de Memórias



*História de vida de poetas e
escritores macaenses*

MOINHOS DE MEMÓRIAS

*História de vida de poetas e
escritores macauenses*

Sueli Rodrigues da Rocha
(org.)

Francisco Leandro Torres
Maria Helena da Silva Cunha
Monique Hellen Teodósio Cunha
Nathalia Santana Santana Peixoto
Pedro Victor de Melo Avelino Batista
(coorg.)

MOINHOS DE MEMÓRIAS

*História de vida de poetas e
escritores macauenses*

 editora
CAULE DE PAPIRO®

Natal, 2021



©2021. Sueli Rodrigues da Rocha (org.). Reservam-se os direitos e responsabilidades do conteúdo desta edição aos autores. A reprodução de pequenos trechos desta publicação pode ser realizada por qualquer meio, sem a prévia autorização da autora, desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editora	<i>Rejane Andréa Matias A. Bay</i>
Revisão	<i>A autora</i>
Capa	<i>Alex Gurgel</i>
Projeto Gráfico e Diagramação	<i>Caule de Papiro</i>

Catálogo da Publicação na Fonte.
Bibliotecária/Documentarista:
Rosa Milena dos Santos - CRB 15/847

R672m Rocha, Sueli Rodrigues da.

Moinhos de memórias: história de vida de poetas e escritores macauenses / Sueli Rodrigues da Rocha (Org.). – Natal: Caule de Papiro, 2021.

153 p. : il.

Vários coorganizadores.

ISBN 978-65-86643-59-6 (LIVRO VIRTUAL)

1. Biografia. 2. Poesia brasileira. 3. Crônica brasileira. 4. Macau – Rio Grande do Norte. I. Título.

RN

CDU: 929(813.2)

Caule de Papiro gráfica e editora
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | 59.068-170 | Natal/RN | Brasil
Telefone: 84 3218 4626
www.cauledepapiro.com.br

MEMÓRIA

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

Carlos Drummond de Andrade

Dedicamos este livro aos poetas, escritores e escritoras que doaram suas memórias para o projeto “História de vida de poetas e escritores macauenses”, especialmente, àqueles que se moveram generosamente ao nosso encontro: Alfredo Neves, Getúlio Moura, Horácio Paiva, Márcio Maia, Tião Maia.

Nessa oportunidade, agradecemos ao escritor Marcos Cavalcanti, que nos orientou, na fase inicial do projeto que resultou neste livro, com informações sobre a produção literária macauense, a partir de livros de sua biblioteca da literatura potiguar.

Da mesma forma, agradecemos ao fotógrafo Alex Gurgel, pela cessão da fotografia da capa.

À comunidade macauense e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

A todos que se sentirem atraídos pelo sussurrar desses moinhos, que movem memórias incessantes.

Sumário

Prefácio.....9

Apresentação.....17

Aldenira Oliveira.....23

Alfredo Neves.....29

Daniel Násser.....43

Getúlio Moura.....53

Horácio Paiva.....71

João Vicente.....95

Leila Adna.....101

Márcio Maia.....109

Ribamar Filho.....119

Tião Maia.....129

Referências.....145

Sobre os organizadores.....147

Prefácio

Profa. Dra. Ana Lúcia Sarmiento Henrique

IFRN – Câmpus Zona Leste

Moinho de Sal, Moinho do Sol, Moinho de Histórias

Quando fui convidada para fazer este prefácio, fiquei pensando: “mas como vou fazer um prefácio para um livro sobre escritores? Eu não sou da área de literatura!”. Depois, ao ler o livro, me dei conta de que se trata também de narrativas autobiográficas de como esses escritores da Terra do Moinho se tornaram leitores. De repente, voltei a minha infância e rememorei um fato que se repetia e que nos deixava, a mim e a meus irmãos, querendo escutar a história que meu pai nos contava à noite.

Era a história de uma formiga que tinha que encher um armazém enorme (sozinha coitada!), mas a narrativa

sempre parava entre as idas e vindas dessa formiguinha que, de tão pequena, nunca conseguia completar seu trabalho e, conseqüentemente, tampouco terminava nossa história, pois nosso pai nos mandava dormir para que esperássemos o dia seguinte até nossa amiga finalizar seu trabalho. A expectativa era sempre grande e só depois de escutar várias vezes esse conto inventado por meu pai, percebemos que era apenas uma estratégia criativa para nos fazer dormir. Mas deu seus frutos! Me tornei uma leitora voraz de narrativas: podiam ser os clássicos da literatura brasileira (aos 13 ou 14 anos já tinha lido toda nossa coleção de Machado de Assis); podiam ser narrativas de ficção científica em formato de livro de bolso que saíam semanalmente; podia ser qualquer coisa que tivesse letra!

Me dou conta, relendo o parágrafo acima de como a memória dos outros também reativa a nossa memória, de como a experiência dos outros faz relembrar nossas experiências. Será que isso acontece porque, ao ser parte do gênero humano, o que passa a cada um também, de certa forma, toca a todos os demais? Ou será que as experiências dos escritores aqui representados suscitaram em mim, um sujeito individual com minha memória individual, o que Maurice Halbwachs cunhou de memória coletiva?

Halbwachs foi pioneiro nos estudos da memória ao trazer para a discussão desses estudos, o fator social mostrando a estreita relação entre o individual e o coletivo ao considerar que o ser humano se forma a partir das interações sociais que experimenta. Dessa forma, nossa memória individual se assenta, entre outros elementos, em experiências e em

referências como sons, paisagens, sentimentos, elementos do espaço e do tempo em que nos encontramos com os outros seres humanos. Assim, mesmo que uma lembrança individual não envolva diretamente nenhuma outra pessoa, ela necessariamente se insere no mesmo espaço e tempo que o das lembranças de várias outras pessoas.

Nesse sentido, nos lembra Lucas Mascarenhas de Miranda, no texto *Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental?*, que a memória coletiva pode ser definida como “um repositório abstrato de informações referentes a uma comunidade, se constitui a partir de memórias individuais, se expressa materialmente, ancora-se nos lugares de memória.” Para o francês Pierre Nora, o conceito de lugares de memória pode ser caracterizado a partir de três elementos que o constituem: “o lugar de memória é material, físico, como museus, arquivos, cemitérios, coleções, comemorações, tratados, monumentos, santuários, associações, jornais, etc.; é funcional, pois garante, ao menos por hipótese, a cristalização da lembrança e, conseqüentemente, sua transmissão; e é simbólica, já que remete a um acontecimento vivido por um grupo minoritário de pessoas, que muitas vezes já nem estão vivas, e, ainda assim, traz uma representação para uma maioria que não participou do acontecimento.”

Este livro *Moinhos de Memórias* já materializa, em seu seu título, o aspecto físico do lugar de memória em relação a Macau: o moinho. Mesmo que seja apenas para visitantes da cidade como eu, o moinho é emblemático e, já nos liga ao grupo social que ali vive e que escreve poesias em e sobre a

cidade e, por isso, traz também o aspecto funcional, a lembrança cristalizada de um espaço que também é simbólico.

No entanto, o mais simbólico é o fato de o livro, ao trazer narrativas autobiográficas de escritores macauenses, ter se constituído em um conjunto documental, por nos apresentar as muitas versões a partir de diferentes atores sociais, o que nos permitiu, para utilizar as palavras de Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, em seu texto *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento*, “relativizar posições, compreender o contexto político-cultural do período e nuançar com vários tons de cinza um passado que não pode ser reconstruído somente em tons de branco e negro.”

Estão presentes em várias narrativas deste livro o reconhecimento de Adenor Avelino como um dos grandes poetas da cidade; a Escola Ressurreição e a figura de Dr. Marc, como incentivador da educação e das artes; o fato de esses escritores que nos contam suas histórias terem que sair de Macau para cursar o Segundo Grau (hoje ensino médio) ou cursos de nível superior; o fato de alguém ter despertado nesses escritores o desejo de ler ao qual sucedeu o desejo de escrever; a criação da Academia Macauense de Letras e Artes (AMLA). Creio, portanto, em consonância com Halbwachs, que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Talvez por isso, Ribamar Filho tenha escrito:

Moinho do vento
Que relembra evento
Que marca os tempos
E que supera os contratempos [...]

Talvez por isso também, Aldenira Oliveira tenha afirmado com seu poema:

O sol daqui nasce lindo
Lindo entre as pilhas de sal
[...]
E sal e sol se misturam
No espetáculo do anoitecer [...]

Ninguém contesta essas imagens, pois constituem a cristalização da lembrança e a possibilidade de sua transmissão e, simbolicamente, representam a Macau de nossa memória.

Voltemos agora à formiguinha da história de meu pai, aquela que nunca terminou sua tarefa de encher o armazém, mas me encheu de vontade de ler. Este livro provocou em mim esse mesmo efeito: ao (re)conhecer alguns escritores macauenses e alguns de seus escritos, me deu uma imensa vontade de ler outros de seus poemas ou narrativas! Será que isso significa que esse livro me fez chegar um pouquinho mais perto da memória coletiva dos que fazem Macau, das memórias do sal, das memórias do sol e do moinho das histórias?

Natal, 03 de novembro de 2020.

Apresentação

Sueli Rodrigues da Rocha

Profa. de Língua Portuguesa e Literatura no IFRN.

“As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão. Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão”. Drummond eternizou esse pensamento no poema “Memória”, no qual me inspiro para apresentar dez memórias não findas, mas lindas, que precisam ser compartilhadas com todos os macauenses, norte-rio-grandenses e com qualquer pessoa interessada em histórias de vida, poesia e literatura.

Essas memórias aterrissam aqui graças a um voo que alçamos em 2019, ao desenvolver o projeto de pesquisa “Histórias de poetas e escritores macauenses”, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN) - Câmpus Macau, situado na Região da Costa Branca. O objetivo era precisamente adentrar no universo vivencial desses escritores e escritoras, identificando as conexões entre as experiências

pessoais, que são únicas, o processo de escrita e o lugar de pertencimento deles.

A abordagem teórico-metodológica com história de vida conduziu-nos nessa trajetória, orientados especialmente pelos estudos de Delory-Momberger (2012) e Passegi (2013), que atestam a narrativa (auto) biográfica como fonte legítima para a pesquisa social e para o registro historiográfico.

Imergimos, eu e os demais membros do projeto – Leandro Lispector, Maria Helena, Monique Hellen, Nathalia Santana e Pedro Victor – nas narrativas de si coletadas oralmente e, depois, transcritas e retextualizadas, conforme os procedimentos da Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiuzzi, 2016). O número de entrevistados foi delimitado em razão do cronograma do projeto, que não permitiu maior abrangência. Coincidentemente, essas dez histórias de vidas macauenses são um presente para o Câmpus Macau, que marcou, em 2019, dez anos de existência, consolidando seu compromisso com o ensino, a pesquisa e a extensão naquela região.

Foi esse compromisso e o interesse em história de vida e literatura que nos fizeram caminhar até essa constelação macauense, trazendo-a para a comunidade escolar, e, de certa forma, para a historiografia da produção literária potiguar. Macau goza de uma tradição de escritores renomados que já se foram, como Edinor Avelino, Gilberto Avelino, Benito Barros. Outros estão nos presenteando com a sua existência e profícua produção, e a maioria deles já é reconhecida na cena literária norte-rio-grandense e de outros lugares, como se constata nas narrativas que apresentamos.

O título Moinhos de Memórias remete ao potencial eólico que há na região de Macau, simbolizado pelo cata-vento que abre as portas da cidade. Os dez escritores e escritoras são, metaforicamente, dez moinhos que evocam ventos do passado, significando-os no presente.

Antes de desenhar um breve prelúdio do conteúdo dessas narrativas, preciso dizer que Macau brindou seus munícipes com a Academia Macauense de Letras e Artes (AMLA) composta por 20 cadeiras com membros permanentes e presidida pelo poeta e escritor Horácio de Paiva Oliveira. Foi inaugurada no final de 2018 e é fruto da vontade e pioneirismo dos idealizadores da Imperial Casa Editora Casqueira (ICEC), liderada por Benito Barros e Getúlio Moura, artífice de múltiplas linguagens. Essa organização editorial foi fundamental para as publicações literárias macauenses. Outra iniciativa que corrobora a disseminação da escrita literária macauense é o *site* Baú de Macau, criado inicialmente por Cláudio Guerra, conforme nos informou o poeta, escritor e compositor Tião Maia. Outro grande empreendimento editorial é a Revista Kukukaia, que tem, em seu leme Alfredo Neves, outro artífice de diversas linguagens – característica de alguns escritores e artistas macauenses.

Conhecer parte dessa via láctea literária macauense foi surpreendente, especialmente pela disponibilidade e afeição com que os participantes doaram suas histórias. Certa vez li um par de crônicas de João Ubaldo Ribeiro, intituladas “O conselheiro come”. Dizia ele que Rui Barbosa era frequentemente consultado sobre os temas de seu domínio, e, em seguida, o consultador deixava a sala. Nessa saída, a esposa

do intelectual cochichava ao pé do ouvido “O conselheiro come”. Com esse “mote”, o saudoso cronista reflete, nas crônicas, sobre a condição do intelectual brasileiro em uma sociedade que o demanda sem uma retribuição concreta. Narro isso para expressar nossa gratidão pelo entusiasmo com que os escritores e escritoras contaram suas vidas, inclusive, a maioria deles veio ao nosso encontro literalmente, pelo prazer de colaborar com o nosso propósito e sem esperar nada em troca dessa dedicação.

Passo então a descrever a organização desta obra, que segue prefaciada pela professora de Língua Portuguesa do IFRN, Dra. Ana Lúcia Sarmiento Henrique. O livro está dividido em dez capítulos identificados pelos nomes de cada participante em ordem alfabética. Os capítulos apresentam a fotografia e informações preliminares, a narrativa de si e uma representação da produção dos participantes. Não farei a síntese dos capítulos, para não cometer o equívoco dos incautos, pois temo que o resumo reduza os significados impressos na tessitura da narrativa integral dos doadores das narrativas, que são Aldenira Oliveira, Alfredo Neves, Daniel Násser, Getúlio Moura, Horácio Paiva, João Vicente, Leila Ádna, Márcio Maia, Ribamar Filho, Tião Maia. A representação da produção literária, indicada e cedida pelos escritores, está devidamente referenciada, só não o fizemos no caso de poemas inéditos ou que fazem parte de publicação no prelo.

Podemos afirmar que Macau, situada em um dos cantos do Rio Grande do Norte, abrigou e abriga nomes que poderiam figurar no registro historiográfico nacional, devido à qualidade e à relevância da produção literária.

Predomina o gênero poesia, embora haja uma diversidade de outros – contos, literatura fantástica, literatura de cordel. Como verá, leitor ou leitora, parte dessas estrelas macauenses atuam em diversas linguagens artísticas, com qualidade e perfeccionismo artístico inestimáveis.

Com essa breve apresentação, convido-os a imergir nessas histórias e, nelas, sentirem o encanto sonoro desses moinhos, que trazem ventos de força, superação, criatividade e estima à literatura, ao lugar, às pessoas e à memória - esse vento que nunca cessa.

ALDENIRA OLIVEIRA



Nome completo	Aldenira Oliveira Soares Montenegro
Nascimento	20/04/1965
Naturalidade	Macau/RN
Formação	Letras (UFRN)
Profissão	Auxiliar Técnico do Tribunal de Justiça do RN
Livros publicados	Metamorfose (2013)

Tenho ótimas lembranças da minha infância.
Foi lá que tudo começou:
“A mulher, na máquina de costura e a
menina, na cadeirinha de balanço.

(...)

E a velha máquina de costura rangendo,
Trabalhando para a menina
Comer o pão de cada dia”.

Lembro-me do cheiro do giz de cera, que eu usava para fazer desenhos que ilustravam os meus versinhos, que eram guardados a sete chaves... Na adolescência, eu expressava os sentimentos pelas palavras... escritas. A minha timidez não permitia que fosse diferente.

Sempre estudei em escola pública. Foi na Escola Estadual José Olavo do Vale que tive uma experiência importante, e que contribuiu bastante para o meu “processo de escrita”. Foi quando participei de um concurso cultural intitulado “Contribuintes do Futuro”. Os alunos deveriam escrever sobre Imposto de Renda. Participei e ganhei em 1º lugar no RN. Daí fui concorrer na Região Nordeste e fiquei em 2º lugar. Eu e a escola ganhamos vários prêmios.

Minha motivação para escrever é o prazer que sinto ao fazer isso. Tive professores que foram grandes incentivadores. Certa vez, um professor escreveu, numa redação que fiz, mais ou menos assim: “Escreva um livro! Eu comprarei um”. Noutra oportunidade, um professor de redação leu minha redação em sala e eu ganhei um livro por ter feito a melhor redação da sala. Foi muito gratificante ouvir meu professor ler para toda sala o que eu escrevi. “Sou apaixonada pelas palavras. Pelas palavras escritas (...) É um deleite decifrá-las!”.

É muita audácia da minha parte dizer que Fernando Pessoa é uma das minhas referências, mas é! Também tem Cecília Meireles, Cora Coralina ... e a cultura nordestina.

“Eh, os bois que passam
Eh, a gente que pasta
(...)
Ah, o mar que morria contente...
Eh, o mar que morre no curral...
Quando animal vestida de animal!”

Tenho uma imagem poética do lugar onde nasci “Hoje eu vi o sol se pôr atrás das silhuetas de meninos jogando futebol (...); depois, vi o sol se pôr detrás dos mangues repletos de vida: de vida que acorda e de vida que adormece (...) O sol partiu e eu continuei a caminhar a passos largos, respirando maresia, profundamente.”

“O sol daqui nasce lindo
Lindo entre as pilhas de sal
(...)
E sal e sol se misturam
No espetáculo do anoitecer”.

Apesar dessa profunda relação com a escrita, não tenho nenhuma expectativa quanto a isso. Escrevo sem pretensão de reconhecimento. O meu único livro só foi publicado por insistência do meu amigo escritor Daniel Násser. Ainda tenho alguns versinhos “perdidos por aí”, mas continuarão “perdidos” dentro de agendas, livros.

Poesias de Aldenira

QUERO

Quero gozar o gozo dos poetas
e dos insanos quero a loucura,
porque já não é suficiente o meu eu
quando não me faço versos.
Quero a veemência da juventude
e não ser jovem,
porque não me basta ser moço
e perder minha história.
Quero a paixão dos enamorados,
porque ser intenso é ser completo
e quero ser inteiro sendo poeta,
para ser eterno!
e quero ser inteiro sendo louco,
para ser livre!
e quero ser inteiro sendo louco,
para ser livre!
e quero ser inteiro sendo velho,
para ser sábio!

(OLIVEIRA, 2013, p. 73)

POETO (^)

Poeto
A cor vermelha
Daquela sua camisa
Que faz minha pele desejar
Prazer.

Poeto você
que faz minha vida
ficar cor de rosa,
quase da cor
daquela sua camisa.

(OLIVEIRA, 2013, p. 33)

MEU JOGO

Me jogo
Me faço afoita
Me solto louca
E louca me dou.

Se disfarço
Me disfarço
Se lamento
Me atormento

Se sofro
Se sinto dor
É a dor que sinto
Que me faz quem sou

Me jogo
Me faço
Se sofro
Me disfarço.

(OLIVEIRA, 2013, p. 47)

ALFREDO NEVES



Nome completo Alfredo Ramos Neves
Nascimento 28/11/1965
Naturalidade Teófilo Otoni/MG
Formação Ciências Sociais (UFRN)
Profissão Programador de Computador
Livros publicados A Marcha do Homem (1988);
A Aurora Perdida (2002);
Escritos à Insônia (2004);
20 Sonetos Impuros e
Outros Poemas (2012);
O Amor Revelado (2015).

As pessoas costumam geralmente relatar que a leitura entra na nossa vida a partir da influência de gibis e da literatura clássica. Compreendo que a leitura se apresenta para qualquer criança e adolescente a partir da própria condição econômica dela, mas não é uma experiência generalizada e recorrente. A história mostrou a genialidade de pessoas como o próprio Machado de Assis, e outros que tiveram famílias humildes e se inseriram no mundo da literatura, ainda na infância e na adolescência, com livros clássicos. No entanto a maioria das pessoas, dependendo do meio e da vida econômica delas, apresentam uma forma diferenciada de começar a ler.

Eu sou de origem pobre. Meu pai, mestre de obra, e minha mãe tomavam conta da família imensa. Nesse contexto, eu lia muito livro de bolso do Western Americano, que meu pai costumava levar para casa, pois ele lia esses livros nas viagens que fazia, e eu, curiosamente, recorri a eles. Logo depois passei a ler gibis da Disney, como Tio Patinhas, Pato Donald, e todos aqueles outros que eram o auge naquela época. Posteriormente, também nessa linha do Western Americano, lia a Revista do Tex Willer e muitos outros.

Quando eu cheguei em Macau, na década de 70, já estava com dez anos de idade e comecei a interessar-me bastante por ficção científica, que se trata de um mundo irreal

e que traz o universo da fantasia para o nosso imaginário. Foi esse caminho de leitura que segui na minha infância e essas leituras foram se aprofundando ao longo da minha vida.

Quando ingressei na escola, minha mãe dizia que eu dava muito trabalho, porém ao chegar na escola secundarista, acalmei-me mais e já estava com a minha formação mais apurada, porque comecei a me envolver na política muito cedo, principalmente na de Macau. Naquela época, eu era muito firme, e, na escola, nossa leitura adentrou o universo dos clássicos. Aos 16 anos, eu já começara a ler a coletânea de Jorge Amado, alguns clássicos da literatura russa, e poemas de escritores alemães. Por serem escritas panfletárias, nós utilizamos bastante para debater política, tanto local quanto nacional e, por essa razão, de forma prematura, nós conseguimos fundar o primeiro grêmio estudantil na Escola Estadual José Olavo do Vale.

Tínhamos um jornal na escola, importante para o movimento estudantil, que foi o único escrito à mão com cinco páginas, O Matutino, na mesma escola onde fundamos o grêmio. Esse periódico circulava bastante em toda a escola e tinha informações sobre o nosso ponto de vista da política local, que era bastante acirrada e continua sendo até os dias atuais. O jornalzinho englobava quebra-cabeça, a premiação do melhor aluno da escola, a aluna mais inteligente, e aconteciam até escolhas da mais bonita, e circulava pelas mãos dos colegas, mas sempre voltava intacto, pois todos gostavam de ler e zelavam o material.

Nossa fonte de inspiração eram as blagues, e o Pasquim, a principal delas. Meu irmão Francisco Ramos foi um grande

chargista e escrevia bastante. Talvez tenha sido um dos principais responsáveis pelo sucesso do Jornal A Centelha, de circulação posterior no município. Hoje, ele é doutor em filosofia na UERN. Nesse pequeno jornal, existiam também muitas historietas, e não sei se isso atraía as pessoas, mas era uma narrativa bastante interessante. Sempre gostei de fazer jornal, bem antes, lá nos anos 80, e participei de outro jornalzinho com o atual prefeito de Macau, à época muito jovem, Túlio Lemos. O nome desse periódico era O Amigo da Cidade, circulava em toda o município e era impresso em mimeógrafo.

O primeiro livro que eu escrevi foi em 1988, quando ocorreu nossa primeira eleição municipal pós-ditadura militar. Bem antes, em 1985, tivemos a eleição indireta e a partir de 1988, a eleição direta. Essas circunstâncias políticas da época geraram um impacto positivo em minha formação literária, que é perceptível no meu primeiro livro, conhecido como “A Marcha do Homem” cuja capa ilustra homens marchando com enxadas, martelos e foices em seus ombros, e foi baseada em uma foto de Sebastião Salgado.

Meus livros são de poesias contemporâneas e modernas, muitas delas, ou quase todas, sem rima. Meu primeiro poema, A Marcha do Homem, poderia ser uma narrativa da vida dos trabalhadores explorados, se bem que dentro do romantismo poético é possível uma experiência escrita com base nas histórias revolucionárias. Então, já nos dias atuais, com essa minha relação de envolvimento profundo com a cidade de Macau, inspirei-me e escrevi um romance. Já está concluso e se encontra no prelo, com o título: A Ilha

Esquecida, ambientado na cidade de Macau no ano de 1935. Talvez seja o único e último romance que escrevo pela grande empreitada que representa.

Pois bem, mais adiante, comecei a ler outros clássicos, como os autores Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Com esses poetas, e também com artistas plásticos, escultores e outros segmentos culturais da sociedade brasileira, ocorre uma quebra de paradigma no que se refere ao modo de fazer as coisas no campo das produções literárias e culturais. O país conhece o Movimento Modernista de 1922, uma sacada antropofágica que faz com que a nossa própria ideia das coisas seja valorizada e digerida. Dessa forma, desvio-me dos temas mais políticos e adentro num universo cada vez mais livre e sem o compromisso estético. Vieram então, em seguida, meus outros livros, conhecidos como *A Aurora Perdida* e *Escritos à Insônia*.

Outros escritores tiveram forte influência na minha vida, além dos já citados. Destaco ainda o Jorge Amado, que comento mais acima, principalmente pela sua trilogia: *Luz No Túnel*, *Ásperos Tempos* e *Os Subterrâneo da Liberdade*. Depois desse marco inicial, vieram os escritores locais, como Edinor Avelino, o pai de Gilberto Avelino, que escreveu um único livro, chamado *Raízes*. O saudoso Gilberto Avelino, poeta lírico e um dos mais importantes na literatura macauense, influenciou muitos poetas na cidade, tanto pelos seus belos poemas, quanto por retratar a vida do salineiro, os recursos naturais, as belezas e temas bucólicos da nossa cidade, e isso também me marcou muito. Outros livros vale a pena citar e que recomendo a todo macauense, o clássico

da nossa literatura, como Barro Blanco, de José Mauro de Vasconcelos, em que narra formação política, fazendo essa narrativa do sofrimento dos pescadores na questão social de Macau, algo bastante impactante. E o livro Macau, na mesma linha social e política, do autor Aurélio Pinheiro.

Com base em toda essa experiência, afirmo que não vivemos isolados de forma alguma, e a leitura me fez ver isto. Analisando a política local, vemos que ela não é dissociada da política nacional e mundial. A leitura e os escritos me fizeram compreender muitos períodos, e analiso que de Getúlio Vargas, na década 1930, o Estado Novo, passando pela República Velha, até a abertura política, após a Ditadura Militar no Brasil, e, logo em seguida, tudo que vivemos atualmente, vejo que o conhecimento nos faz optar por melhores coisas e por grandes mudanças. E quando imagino que fizemos tanto e a história nos permitiu gestar a partir de 2002 uma nova realidade, em que elegemos um governo de matriz trabalhista, que fez muito por essa imensa nação, fico feliz por tudo ter se tornado possível. As leituras e as práticas lá do passado foram gratificantes. Para contextualizarmos essa situação é só observarmos que estamos aqui em um Instituto Federal maravilhoso, e muitos outros foram expandidos e criados em todo o país. Perceptivelmente, outras universidades e escolas públicas se ampliaram, e impactos positivos ocorreram não apenas localmente, mas no país como um todo.

Fico feliz por ter morado numa cidade onde as salinas inspiram poesia. Mas elas também criaram sofrimento. Como era o único meio de geração de emprego que existia

no município no século passado, nelas operários morreram e outros ficaram cegos. Depois veio a mecanização na década de 1980, houve um desemprego muito grande na cidade. A fábrica de barrilha da Alcanorte, fonte que seria de grande importância nesse período, foi construída para a geração de emprego e renda. Infelizmente nem isso deu certo em nossa cidade. A fábrica foi vilipendiada, assaltada e impossibilitada por causa da incompetência política dos homens. Foi por causa desse sonho que o meu pai trouxe os meus familiares para Macau, pois nela ele fora o mestre de obra.

Em relação à minha formação, sempre pensava em ser Físico e até me dediquei para isso. O meu primeiro curso foi de Física na UFRN, mas pelo pouco tempo, porque eu sempre trabalhei embarcado, tive que desistir. Depois fiz administração na UERN (não concluído). Em seguida, cursei Ciências Sociais na UFRN e terminei em 2014. Na época em Macau, só existiam cursos de Letras e Pedagogia.

Já em 2002, fiz circular O Litoral, dirigido e fundado por mim. Era impresso com outra tecnologia, algo que vínhamos batalhando a vida toda. Tinha uma tiragem de mil exemplares e era vendido por um ou dois reais. Tínhamos a coluna de literatura, poesia e política. Antes desse, como relatei, só a Centelha para fazer muito sucesso. A ira do poder local contra o jornal A Centelha era tão grande que terminou com a prisão de todos nós e o fechamento do Jornal. O prefeito daquela época fez denúncia para o subsecretário do estado do Rio Grande do Norte, que encaminhou um micro-ônibus, determinando: “o veículo só sairá daqui vazio se não tiver ninguém que indique quem publicou esse jornal.” “Se

ninguém disser quem publicou, ou publica, nós já sabemos quem é, e nós queremos os culpados.” Afirmava o irmão do prefeito à época. Nesse cenário, era possível que a pessoa se delatasse o outro, mas ninguém se entregou ou entregou alguém. Ficamos horas e horas no quartel da polícia de Macau, e, no final, um dos diretores do jornal, João Eudes Gomes, acabou se responsabilizando como autor do jornal e foi o único levado para Natal. Na verdade, ele se inseriu no jornal tempos depois. Como combinamos de ninguém denunciar ninguém ou de se autodeterminar culpado, não entendemos até hoje o porquê que ele fez aquilo, mas, mesmo assim, ele assumiu e achamos que foi por causa da grande pressão. Cada um era chamado lá dentro para falar sobre o jornal e, ao voltar, vinha tremendo de tanto medo. Ele foi levado para Natal, e passou três dias sem contato nenhum. Depois retornou à cidade por causa da intervenção da Igreja e dos partidos políticos para que as autoridades dissessem o seu paradeiro.

Em 2018 fundamos a Academia Macauense de Letras e Artes (AMLA). É um sonho antigo que vários escritores importantes desejavam, como Aurélio Pinheiro, Gilberto Avelino, Benito Maia Barros, Fagundes Menezes, dentre outros, que passaram por Macau, e em um momento de suas escritas, por sempre existir em Macau essa riqueza literária, eles pensaram e idealizaram e viram a necessidade de ter uma academia de letras. Eu lia o que escreviam, e comecei a me empolgar com isso, e a observar a fundação de academias de letras no país inteiro. Nós temos a Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada no período de Machado de Assis,

a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, e a Academia Maranhense de Letras. Pensamos, somos também capazes de fundar uma academia de letras. E vendo o corporativismo para fazer parte dessas entidades maiores, decidimos então ter a nossa própria.

Hoje existem academias em várias cidades, como a de Canguaretama, a de São Paulo do Potengi, Ceará-Mirim, Parnamirim, etc. Eu pude ver de perto algumas dessas academias e via as dificuldades, então, pensei: “Por que não a de Macau?” Ao pensar quem a comporia, foi necessário ter contatos com pessoas que quisessem levar a AMLA adiante. Há membros que escrevem e praticam outras artes. Eu por exemplo, sou também artista plástico, da escola expressionista abstrata. Um importante artista plástico é Herbert Martins, conhecidíssimo na cidade por obras belíssimas, que retrata em suas artes prédios antigos da nossa cidade. Outro é Getúlio Moura, pintor surrealista e figurativista.

Definimos que cada gestão teria um período de dois anos. Nosso primeiro presidente é Horácio Paiva, sou o vice-presidente e fundador da Cadeira 2, que tem como patrono João de Aquino, museólogo e biógrafo da vida de Monsenhor Honório da Silveira. A nossa sede será exatamente ao lado do Museu José Elviro, pois será uma doação pública.

Sou também editor da Revista Kukukaya, que é integrante do site Virtual Cult. Ela possui 72 páginas e 35 edições. Mais de 1.000 pessoas leem essa revista, disponibilizada on-line por meio dos formatos flip e pdf. A Kukukaya foi baseada em uma canção de Cátia de França e Xangai, e essa palavra faz parte de um dialeto cigano, e significa

dificuldade. Como estávamos com algumas dificuldades, em relação a pessoas para desenvolver a revista, tive essa ideia de Kukukaya, cantada por Elomar e Vital Farias.

Sou também artista plástico. A história da arte tem relação com o social, porque é uma mistura da expressividade do artista com temas que partem do seu interior e também do mundo exterior, que são repassados para as suas telas. Gosto muito do abstrato, e essa escola tem como principal idealizador o russo Wassily Kandinsky, depois se ramificou pelo mundo com estilos diversos, que vão desde Piet Mondrian e vem se transformando até chegar, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, com os pintores americanos, da escola de Nova Iorque, gestando o Expressionismo Abstrato, tendo Jacson Pollock à frente como o seu principal ícone.

Penso que todo escritor procura ser reconhecido pelo seu trabalho. Grandes escritores dizem que não, mas acho que é charme. Presenciei um vídeo de Xangai, que é um artista poético e sertanejo, no qual dizia que odiava cantar, faz isso forçado. Mas imagino ser um certo charminho do Xangai. Na minha visão, todo escritor, sem exceção, sonha em ser reconhecido, o que não é errado, porque não adianta você escrever e ninguém ler, porque você pode publicar como nós publicamos, e as pessoas não lhe dando valor algum fica muito chato. Buscamos escrever para ser reconhecido e sinto esse reconhecimento em parte. Não nacionalmente, mas em nível local e estadual. Até ser chamado para prestar um depoimento sobre a nossa vida literária, nossa vida artística, para nós, é um reconhecimento grandioso. É muito gratificante saber que pessoas têm conhecimento que existimos,

que não vamos assim, um dia, para a morada eterna sem ter tido o reconhecimento necessário depois de tanto trabalho.

Agradeço por essa oportunidade e por fazer parte deste projeto rico e oportuno para divulgar os literatos da nossa cidade. Em nome da professora Sueli Rodrigues da Rocha estendo este agradecimento a todos do Campus IFRN Macau.

Poesias de Alfredo Neves

QUANDO EU MORRER UM DIA

Deixarei sem poeira
Livros sobre literatura,
Um Francisco Weffort
Na sua primeira edição,
A coleção de Bukowski
Recebida no silêncio
De um mortal calor vespertino.
Deixarei o Modernismo no Brasil,
Retratos de Fidelman,
As Edições Kukukaya,
O Barroco Subversivo,
Os filósofos mortos
Que durante à noite me assustavam
Como se fossem múmias vivas.
Um Arcangelo Ianelli
Tão azul quanto o céu de Macau.
Os livros sobre Pollock e Rothko,
A Cachaça Mineira
Que de gostosa só não supera
O amor que sinto pelos
Que estão em minha volta.

Deixarei um Murilo Mendes,
Manoel Bandeira
E alguns Drummond empoeirados.
Um Rio Grande e Macau
De Getúlio Moura.
Alguns gibis que na infância
Me tocaram como se eu fosse
O próprio Tex Willer
Lutando contra O Filho de Mefisto.
Quando eu morrer um dia
Serei tão eu mesmo
Como sou agora.

PALAVRAS PARA VOCÊ

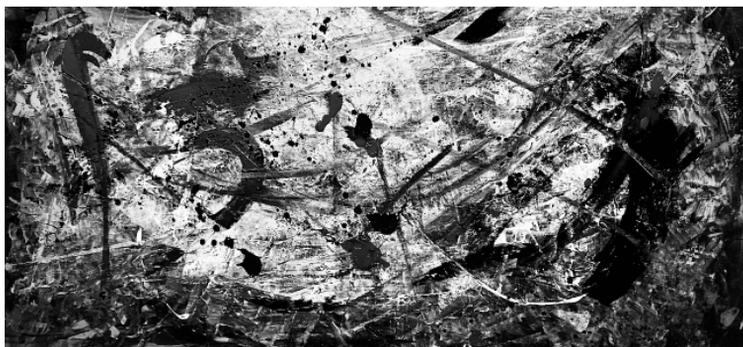
O futuro se perde
e se encontra
numa noite de verão.
A liberdade foge
como quem foge
dos pesadelos
e estamos longe
dos grandes feitos.
O vento das mudanças
é como meninos soltando pipas
num quadro de Portinari.

VILA MADALENA

Sou cúmplice
Da morte do tempo.
Sem o meu olhar
O relógio no pulso

É inútil,
Silencioso,
Enferrujado
E imutável.
Os tics e tacs
São mudos,
Deslocados
E eu... todo sofrimento.
Sou responsável
E ao mesmo tempo insonte.
Não me jogarei no vazio
Porque o tempo está morto
E arqueja moribundo.
Ficarei aqui, estático
E sem lástimas,
Vendo a madrugada
Passar sorridente.

Telas de Alfredo Neves





DANIEL NÁSSER



Nome completo	Daniel Násser
Nascimento	03/07/1985
Naturalidade	Macau/RN
Formação	Administração
Profissão	Bibliotecário
Livros publicados	A Ordem da Rosa Branca: o enigma do anel (2007); A Ordem da Rosa Branca: o incidente das borboletas (2015); A Ordem da Rosa Branca: o destino final dos deuses (2017).

Eu fui leitor tarde, eu comecei a ler depois dos 15 anos, incentivado por uma professora de redação da escola que eu frequentei, o CEIMH. Essa professora sempre contava alguma história de um livro que ela lia e tinha achado muito interessante. Chegou a contar a história de um casal: o marido achava que a mulher o havia traído, e perguntou se alguém já conhecia aquela história. Eu disse que não. Então ela apresentou Dom Casmurro, afirmando que ninguém sabe se Capitu traiu Bentinho ou não. Eu perguntei o que ela achava e fui desafiado a ler o livro para descobrir. Foi meu primeiro contato com um livro. No início eu achei um desafio começar a leitura por Dom Casmurro, mas quando chegou na parte que as personagens estavam adultos, fui me empolgando. O que é uma das características da obra, você interagir com as personagens. Fui construindo Capitu através dos meus olhos. Depois eu comecei a procurar outros autores. Concluí que escrever não era uma experiência tão distante da nossa realidade.

Sempre gostei dessas histórias de fantasia e ficção, mas não achava que poderia escrevê-las, até que minha mãe me deu de presente o Senhor dos Anéis. Comecei a ler o livro e concluí: é isso aqui que quero fazer. Comecei a construir meu primeiro romance, nunca cheguei a publicá-lo, porque depois que terminei, desisti de seguir o caminho que havia

trilhado. O título do romance era Refúgio das Fadas e se assemelhava com o Senhor dos Anéis.

Vou narrar a história desse livro nunca publicado. Eu ainda carrego esse livro na bolsa, porque quero reescrevê-lo. Minha mãe orientou-me a procurar Benito Barros e, com muita timidez, entreguei meu livro (Refúgio das fadas) a ele. Não esperava retorno desse livro, mas tive: “rapaz esse livro é muito bom! Você tem 16 anos e escreveu uma história dessa, deve publicá-la”. Depois ele faleceu, e eu senti essa ausência, por isso escrevi alguns poemas, porque me marcou muito ele nos ter deixado. Decorreram anos sem eu escrever, pois não conseguia. Depois de seis anos, tive um sonho com ele, dizendo que estava tudo bem. Acordei chorando e, depois desse dia, eu me propus a escrever novamente. Por isso demorou tanto de uma obra para outra.

Comecei a contar outra história, utilizando outros personagens da literatura universal, mas ambientada aqui em Macau. Tive contato com um livro chamado Um Rio Grande Macau, de Getúlio Moura, e vi que havia muita história legal que poderia ser contada. Comecei a notar uns pontos importantes que ficaram bem, juntos na narrativa. Publiquei esse livro em 2007, com a ajuda do diretor da Escola Ressureição, Dr. Marc. À época, eu não trabalhava nessa escola, mas conhecia-o porque eu trabalhava no fórum, ele era advogado e eu, servidor. Ele, muito solícito, disse: “quando a gente tem um talento, deve contar para quem puder ajudar”. Minha intenção era publicar 200 exemplares, só para fazer um lançamento mesmo da história. Ele leu, gostou e encontrou uma relação com a narrativa Harry Potter.

Patrocinou 500 exemplares e deu todo apoio no lançamento. Fiquei muito grato a ele por esse apoio.

Comecei a preparar o segundo livro. Reli o primeiro, percebendo o que poderia dar continuidade. Nessa época, eu já tinha outro pensamento. No primeiro livro, concentrei muito em personagens específicos da literatura estrangeira. Comecei a descobrir, nesse período, que o Brasil tinha uma literatura fantástica muito interessante desde o século XIX. Há uma escritora de Aracati/Ceará, que escreveu um livro chamado a Rainha do Ignoto. Além disso, Machado de Assis tem contos de literatura fantástica, que são excelentes. Comecei a puxar esses livros para dentro do meu universo de escrita e trabalhar os personagens da literatura brasileira. Esse foi meu caminho até o terceiro livro. Eu consegui livros que a Biblioteca Nacional não tem, como o conto Sapo, do paranaense Nestor Victor, que se assemelha ao enredo de Metamorfose, de Franz Kafka. Entretanto, esse conto foi publicado 30 anos antes da novela kafkaneana. Consegui esse livro na biblioteca de São Paulo.

Nesse contexto, comecei a montar meus escritos nesse universo da literatura brasileira e consegui dar uma balanceada no segundo e terceiro volumes. Trazer personagens da literatura brasileira foi muito importante para meus escritos. Concluí o terceiro volume em 2017. Aquela sensação de que a missão foi cumprida e de que a fechamos este círculo: o primeiro se chama o Enigma do Anel, o segundo se chama o Incidente das Borboletas, e o terceiro se chama o Destino Final dos Deuses. O enredo da trilogia se situa entre 1898 e 1904.

Inicialmente essa minha paixão pelo universo da escrita veio de minha mãe. Ela sempre contava histórias durante minha infância. Fui construindo o pensamento de escritor. Lamento que grandes autores contadores de história são subvalorizados pelos críticos que acham que é uma subliteratura: Drácula, Frankenstein são clássicos. É outra forma de contar histórias. Atualmente estou me instigando a trabalhar com outros tipos de literatura.

Fizemos um livro aqui na escola no ano passado com os alunos das turmas em que leciono – turmas de sétimo a nono ano da Escola Ressureição. Os estudantes contaram contos fantásticos clássicos em cordel e apresentaram em sala, montaram *stander*, ficou um belo trabalho. Os contos retextualizados eram de Machado de Assis, Bram Stoker, entre outros.

Neste momento, eu estou tentando focar em outros tipos de literatura além da fantástica. É um desafio inserir outro tipo de escrita. Recentemente, tenho-me apaixonado pelas obras de Gabriel Garcia Márquez. Fui presenteado por Benito Barros com o livro Cem anos de solidão. Depois desse livro, li catorze títulos daquele autor. Não posso nem focar muito em um autor, porque eu tenho receio de me apropriar da forma como ele conta a história, mas não há como desvencilhar-me da leitura desse autor. Terminei de ler recentemente a Revoada do Enterro do Diabo. Foi o primeiro livro que ele escreveu. Li Cem Anos de Solidão; O Amor nos Tempos de Cólera; O general em seu Labirinto. Garcia Marquez é o contador do século XX.

Li alguns contos de Guimarães Rosa, mas estou-me preparando para ler Grande Sertão: Veredas. Tenho-o na estante, mas é aquele livro que você olha e pensa assim: tenho que me preparar para ler, é como Saramago. O primeiro livro que li deste autor foi Jangada de Pedra. O capítulo inicial tem 40 páginas, e quando eu cheguei na quadragésima página, não sabia o que tinha lido na primeira. Tenho que voltar e relê-lo, porque é uma forma diferente de contar a história, e temos que nos preparar para isso.

Eu coleciono livros. Muitas foram presentes, outros eu compro, tenho essa paixão de ter minha biblioteca organizada, que é um lugar de trabalho, de onde eu tiro minhas referências. De entrada, tem uma prateleira completa só de Gabriel García Márquez. Tenho também de literatura fantástica brasileira, em que dedico uma prateleira só com Machado de Assis, e outra só com literatura potiguar. Além disso Raphael Draccon, Drácula, Frankenstein. Tenho amigos que me presenteam com livros. Há muita literatura brasileira, mas o foco é no romance fictício. Coleciono também muitas histórias em quadrinhos, pois conservo algumas edições em capa dura, mas faço muitas doações para os estudantes.

As obras de filosofia e sociologia não despertaram muito meu interesse. O modo como chegaram a mim na faculdade foi muito abrupto. Diziam: vocês devem ler isso, e virávamos sozinhos. Fiz administração, que foi muito chocante no início. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo é um livro que eu tenho ainda, mas guardo um certo distanciamento dele pela forma como nos foi apresentado: você tem uma semana para dar conta disso aqui, fazer um relatório.

Isso é apavorante, mas com o tempo, podemos entrar em contato novamente com essas leituras e ter uma nova visão.

Eu como muitos jovens, tinha aquele pensamento de que a nossa cidade nunca é suficiente para a gente. Sempre querendo sair, está buscando alguma coisa, mas com o passar do tempo, enxergamos a cidade de outra forma. Eu me apaixonei pelo lugar e não tenho mais vontade de sair daqui. Faço parte de uma equipe que ministra um cursinho de línguas. Ministro uma aula de literatura potiguar, e um colega de geografia aborda Macau. Trabalhamos essa questão de valorizar a história de nosso município, e isso é uma forma de enfatizar o lugar onde vivemos. Por que está assim hoje e de onde é que viemos. Se nós éramos um município tão próspero no estado, a ponto das embarcações fazerem escala no Rio de Janeiro, em Recife e em Macau (não em Natal), o que foi que aconteceu conosco? Então é interessante que os jovens saibam para resgatar e valorizar o lugar em que eles vivem. Além disso, que eles possam exigir a ação dos representantes eleitos. Isso aparece de certa forma na trilogia, essa consciência do lugar, a importância que Macau poderia ter hoje em função dessas circunstâncias históricas. Macau já tinha iluminação pública nas ruas no século XIX. Nós tínhamos um forte aqui, na ilha de Manoel Gonçalves, que foi contruído pelo imperador à época e que deu origem a Macau. Ademais é uma cidade historicamente importante na produção de sal e de outros tipos de riqueza, como o petróleo.

Fui convidado a participar da Academia Macauense de Letras e Artes (AMLA). Participei de algumas reuniões, porém tive um desentendimento devido ao meu posicionamento

divergente durante a campanha para a eleição em 2018. Não penso em expandir minha atividade de escritor para a política, porque eu não me vejo nesse papel, talvez de incentivar de alguma forma e apoiar, mas não diretamente. Sou muito feliz por finalizar um trabalho e conseguir apoiar algumas pessoas amigas que escreviam. Consegui apoiar essas crianças para realizar algo que não tinham feito ainda, mas sempre buscamos mais. Mas agradeço o que tenho. Desejo ter um alcance maior do que eu tenho hoje. Em Macau, algumas pessoas me conhecem, em Natal também. Gostaria de ir a outros lugares, alcançar outras pessoas, porque se contamos uma história, ela deve chegar a outras pessoas.

Alguns em Macau reconhecem o meu trabalho, outros não sabiam o que eu escrevia, mas acho normal porque os jovens são alheios à produção literária. Há uns dois anos realizamos uma semana de arte aqui em Macau, sem o apoio de nenhuma instituição, para que não houvesse interferência partidária. Colocamos alguns artistas em palco na rua durante três dias, com apresentação de música, de literatura, de teatro aberto para quem quisesse assistir. Foi em agosto de 2017.

Esse reconhecimento que o projeto História de vida de Poetas e Escritores Macauenses dedica à arte de nossa cidade é muito importante, porque é um resgate das pessoas que já não estão aqui, de outras que estão mas não são reconhecidas e é um trabalho muito importante para a nossa comunidade, que precisa chegar aos jovens, por isso acho muito louvável.

Prosa ficcional de Daniel Násser

Macau, Brasil, 01 de julho de 1908.

Quando embarcaram no enorme navio fantasma, Henry Jekyll não imaginou que saltariam a uma velocidade absurda entre as dimensões a que estariam agora na costa da cidade de Macau. Desembarcaram naquela areia branca e observaram o mar que se abatia violento no horizonte. O navio se desfez em névoas e eles estavam sozinhos.

– Bem – disse Griffin, acendendo um cigarro – agora não temos para onde fugir.

E enquanto suas palavras desalentadoras ainda pairavam no ar, eles viram surgir do mar uma legião de criaturas humanoides, híbridos de homem e dragão que vinham armados com espadas e lanças, e cujos olhos repletos de ódio apavorariam o mais resoluta antagonista.

– Senhores – disse-lhe Jekyll, retirando o sobretudo e atirando-o a areia – Preparem-se, isso é guerra.

Jekyll cresceu e tornou-se o gigantesco Edward Hyde. Ele urrou e avançou contra os seres do mar, sendo seguido pelos outros membros da ordem, sentindo a estranha responsabilidade do destino do mundo a pesar sobre os ombros.

(NÁSSER, 2017, p. 169-170).

GETÚLIO MOURA



Nome completo	Getúlio Moura Xavier
Nascimento	1962
Naturalidade	Tabatinga, Vale do Açu.
Formação	Ciência Contábil e Meio Ambiente
Profissão	Escritor e poeta, musicista, fotógrafo e pintor
Livros publicados	Operações Práticas na Produção de Petróleo (técnico - 1995); Instinto Reverso (poesia - 1997); SoLua (poesia - 1999); A Escola de Macau (poesia/coletivo - 2003); Um Rio Grande e Macau - Cronologia da História Geral - 2005; Antiquíssimo - Pré-História Humana do Rio Grande do Norte (no prelo); Sete Teses - Correção de Erros Graves da História (no prelo).

Tenho sangue misto: árabe, ibérico, indígena brasileiro e africano. Sou dos Mouras. Atualmente resido na cidade de Assu. Nasci pelas mãos de uma parteira em Tabatinga do Vale do Açu, um povoado do município de Alto do Rodrigues. Tinha dois anos de idade quando meus pais resolveram se mudar para a cidade de Macau. Meu pai deixou a agricultura de subsistência para trabalhar no sal e inserir os filhos na educação escolar. Essa decisão foi a minha salvação e dos meus irmãos.

Na escola, encantei-me com as letras. O que me desenvolveu foi exatamente a leitura. Eu não ignorava nada, tratando-se das informações escritas. O livro, por si só, já me encantava, impelia-me a buscar novos textos e isso foi fundamental. Desenvolvi a leitura por vontade própria e com os ensinamentos formais.

Os meus pais foram proibidos de estudar porque, naquela época, tinham de plantar o alimento nos roçados, pegar na enxada sob o sol ardente para ter o que comer. Lembro-me que minha mãe, Francisca Moura, contava a mim e aos meus irmãos sobre a vontade dela em aprender a ler, escrever e a contar. Assim também aconteceu com meu pai, Sebastião Xavier, pois a ordem dita pelos seus pais, os meus avôs, era trabalhar na roça: “Pra que estudar? É para

aprender a escrever cartas de namorados? Depois não vai querer trabalhar!”

Foi uma superação altruística de si mesmos, da parte dos meus pais. Foi através da iniciativa de cada um, meu pai e minha mãe, pegar emprestadas dos amigos as cartilhas do ABC e da Tabuada.

Assim eles aprenderam a ler. E meu pai se tornou um bom matemático. No início da adolescência, entre os 10 e 12 anos de idade, eu ainda não tinha acesso a livros, mas, por gostar das letras, amigos me emprestavam revistas em quadrinhos da época da Disney. Lembro-me ainda, havia um livrinho mensal (Seleção do Readers Digest) com o qual me encantei e que me levou ao conhecimento científico e a outros assuntos.

Vivia uma pobreza extrema. Não tinha dinheiro para repor uma sandália ou a escova de dente. A farda escolar era muito cara, por isso tive a ideia de pintar os emblemas dos bolsos das camisas de fardas e vender por um terço do valor do que era cobrado pela escola. Nessa época eu já desenhava, com pouca idade, mas com certa habilidade. Estudei na Escola Ressurreição, fundada pelo então Padre Marc Alfons (hoje advogado e médico), durante o ensino primário, onde eu era convidado, em várias oportunidades, a ilustrar os trabalhos da escola, especialmente das disciplinas História e Educação Moral e Cívica, desenhando vultos da história do Brasil, coloridos com aquarelas em cartolinas.

A princípio, estudando em escola municipal, não havia incentivo consistente à escrita e à leitura. Praticamente estudávamos matérias básicas como Português, Matemática,

Geografia e Ciências. A minha curiosidade fez de mim um autodidata, pois não havia referências que me nortearassem em outros assuntos. No passar do tempo, busquei estudar por conta própria Psicologia, Sociologia e Filosofia, que possibilitaram maior entendimento sobre diversos temas. Toda minha vida escolar foi em Macau.

Aos 12 anos de idade, passei num teste de Menor Aprendiz do Banco do Brasil em 1977 e lá trabalhei até o ano de 1983, já como auxiliar administrativo. Em 1984 passei no concurso da Petrobrás; em 1985 fui contratado na atividade da produção petrolífera, então com 21 anos. Em 2017, aposentando-me, após 42 anos de serviços prestados, incluindo-se nesse tempo serviços extras, com jornadas de 12 horas ininterruptas diárias e noturnas. Não concluí a graduação superior. Prefiro o prazer do fazer artístico. Isto sim, me completava nos impulsos benéficos no meu cérebro. Enquanto eu estiver hábil, não pretendo parar. Afinal, o conhecimento é infinito.

Li uma poesia uma vez e achei interessante a sonoridade, quando comecei a perceber a rima, achei incrível, musical. Assim fui despertado para o fazer poético/literário. Comecei a escrever pra valer, inicialmente textos técnicos, que era a tônica do momento, na atividade profissional do petróleo. Porém a poesia já estava impregnada em mim, até aprender a produzir nos modos clássicos e acadêmicos. Hoje, o que mais escrevo são poemas livres, mas também na métrica e na rima. Depois fui ao surrealismo e passei a criar do centro da Terra até os limites do nosso sistema solar,

além da imaginação, quando as informações científicas me despertaram exponencialmente.

O que me atraiu para a música foi uma bacia de zinco que a minha mãe usava para lavar roupas (nessa época eu tinha entre 8 e 9 anos). No fundo dessa bacia tinha um aro que estava se soltando e que vibrava quando eu tamborilava meus dedos na velha bacia. Reverberava um som espacial, interessante, diferente, nos ecos daquela vibração. Achei aquilo incrível, e foi o que me despertou para a música. Eu achava que era baterista, construí bateria de latas e me achava... Hoje tenho não somente uma grande bateria, mas diversos instrumentos musicais. Foram as pequenas coisas que me despertaram. Percebi que tinha a tendência para desenvolver e materializar o som. Aliás, o que seria dos humanos sem a música...?! Gosto de ouvir blues, heavy metal, as baladas rock, as guitarras sublimes ou distorcidas. Porém executo MPB, com referência ao pessoal das belas composições, de ótimas letras. Foi fenomenal quando conheci as músicas de Alceu Valença, Zé Ramalho, Djavan, Lenine, Gilberto Gil, Caetano Veloso e tantos e tantos outros cantores e compositores maravilhosos das letras musicais brasileiras.

Sempre fui curioso, sensível, nasci assim. Nunca fui invasivo nem avexado, pois sempre soube esperar com devida calma, mesmo com o cérebro fervilhando e cheio de ideias. Na infância catava lixo no lixão, latas secas de óleo de comida, pedaços de madeira e chinelos velhos para fazer os carrinhos e as rodinhas dos carros de lata. As brincadeiras daquela época eram muito saudáveis. Hoje, muita nostalgia ao lembrar-me disto tudo.

Foi uma virada a vontade de conhecer coisas novas. Eu e os amigos da rua brincávamos de tudo. Entre as brincadeiras, bola de gude, que chamavam de biloca. Fazia a bola, ou bolão como se chamava o feitio da bola de meia de sapato, preenchida de panos velhos. Ora, a gente não tinha dinheiro para comprar a bola. Era simplicidade e prazer à pura diversão despreziosa. Havia também outras brincadeiras como a “mancha de tropa”, em que um garoto reservava uma calçada, um ficava pra defender essa calçada e outros corriam, tentando invadir o território do outro; tô no poço; passar o anel; cadê o grilo; jogar pião; sete pecados; garrafão. Eu interagía em todas essas brincadeiras.

Fui “multi” o tempo todo e ainda sou. Porém isso tudo passou e ficou só na memória minha e dos amigos e amigas do tempo que passou. Nas férias escolares eu ia para Tabatinga tomar banho de rio, atirar de baladeira (ou estilingue). Foi meu paraíso as lagoas de inverno, muitos pássaros, a natureza farta e verde. Achava-me o próprio Tarzan na selva. Atualmente é pequeno percentual do verde, por tanta predação, como ocorre hoje em dia, ignorando a necessária natureza. Todos deveriam conhecer as abelhas, as mais eficazes polinizadoras do planeta neste galopante desmatamento global. Lamentável.

Tenho cinco livros publicados e dois no prelo. O meu primeiro livro foi Instinto Reverso, poesias surrealistas e filosóficas quase não rimadas, mas que dão recados. Esse livro foi impresso depois que fiz um manual técnico para a Petrobras, com instruções para os profissionais que ora chegavam para trabalhar no campo de petróleo. Este manual

é inédito, foi o precursor dos procedimentos executivos nas operações do petróleo, que foi adotado pelos engenheiros e técnicos que ingressavam na Petrobras. Dessa forma foi difundido em nível nacional, onde houvesse campos terrestres de petróleo. Até hoje aguardo o pagamento dos direitos autorais pela Petrobras.

Meu segundo livro foi Sol e Lua, cujos poemas são rimados, pois me esforcei para metrificá-los e torná-los musicais. Na sequência, passei a fazer um livro de arqueologia, que está em construção porque é muito complexo. Faz 12 anos e não o terminei devido a outras atividades. É um trabalho que exige materiais e estrutura, tais como carro quatro por quatro, computador, câmera profissional, que são fundamentais para a pesquisa. Minha cachaça é produzir conhecimento.

A minha curiosidade, quanto à arqueologia, se iniciou quando conheci pessoas que tinham guardadas em casa “pedras de corisco”, porque elas acreditavam que num raio vinha uma pedra. Não sabiam explicar o fenômeno. Essas pedras polidas e de formatos simétricos eram encontradas ao escavar o solo, ao arar as áreas agrícolas ou na superfície da terra e em locais ermos. A lenda é a seguinte: onde ocorria um raio vinha uma pedra nele, pois vinha de Deus; e essa pedra chegava a cortar uma árvore no meio, verticalmente e/ou entrava no solo sete palmos de profundidade. Ao passar sete anos essa pedra viria à superfície.

Esse pensamento era equivocado, porque os indígenas não sabiam processar o minério de ferro, então eles faziam seus utensílios e armas de madeira e principalmente de pedra como pilões e mãos de pilões ou mó, lâminas polidas de

machados e pontas de lanças. Os artefatos de pedras duram até hoje; quanto aos artefatos de madeira, como os cabos de machados e lanças, viravam pó, pelo tempo de milhares de anos. Raul Seixas tinha razão quando dizia “eu nasci há 10 mil anos atrás”, pois as primeiras famílias humanas chegaram ao extremo nordeste brasileiro há 10 mil anos, como provam os esqueletos mais antigos assim datados, provados pelas análises laboratoriais com testes de radiação Carbono 14.

Sobre escrever livros, o problema que tenho enfrentado é a possibilidade de imprimir os livros “Antiquíssimo” e “Sete Teses”, pois implica em um custo alto, porque tem que ser bilíngue (o livro Antiquíssimo) e porque reúne uma significativa quantidade de imagens coloridas, que por si só se expressam. É necessário que o poder público reconheça esses registros que mostram a jornada e a arte pré-histórica dos primeiros humanos nas terras do Nordeste brasileiro.

Outro trabalho importante (publicado e de edição esgotada) foi sobre Macau, um livro que mostra a história do Vale do Açu com ênfase em Macau. O título Um Rio Grande e Macau se justifica da seguinte forma: o Rio Grande, que deu nome a Capitania, manteve-se na Província e continuou no Estado Rio Grande do Norte. AÇU significa GRANDE, na milenar língua indígena originalmente. Assim se manteve a referência original do maior rio do extremo nordeste, que banha a cidade de Macau e tem sua foz despejando para o mar, a oeste da cidade. Esse livro é pura história desta região, em que as entrevistas são o ponto alto, pois a única fonte disponível das informações do passado foi o conhecimento oral, repassado dos bisavôs, do avô e do pai para o filho.

Consegui entrevistar a maioria das pessoas idosas que ainda estavam vivas e lúcidas, que poderiam contribuir com a pesquisa e isso foi fenomenal. São tantas histórias: do caçador, do tirador de caranguejos, do mestre que construía barcos, do homem que se aprumava num barquinho no meio do mar para pescar; dos perrengues que passaram nas incontáveis idas e vindas, da terra para o mar e do mar para a terra. Fiz o registro fotográfico de cada um desses senhores e senhoras e captei suas histórias lá do fundo das suas memórias.

Uma das histórias mais interessantes é sobre a origem de Macau. Teria sido uma ilha que erodiu, engolida pelo mar, considerada a “Atlântida brasileira” e ninguém sabia dela até recentemente. Descobri isso em um estudo, quando eu estava à frente da coordenação do Meio Ambiente na Petrobras, onde em sobrevoos de inspeção em helicópteros, pude dimensionar e verificar a geografia litorânea de Macau. Hoje, com o advento dos drones, não precisei mais subir nos ares para ter acesso às informações geográficas; e não corro mais perigo maior, pois a câmera alça vôo, mas eu fico no solo, seguro.

Outra produção importante, a título de registro, foi a reunião de alguns poetas macauenses no livro “A Escola de Macau”, do qual participamos Gilberto Avelino, Benito Barros, Horácio Paiva, João Vicente, Getúlio Vargas e Getúlio Moura. Esse livro tem ênfase no “Grupo Escolar Duque de Caxias”, que tinha o prédio mais estiloso e ótima qualidade de ensino, quando a relação entre alunos e professores com o estudo era muito respeitosa, entre as décadas de 1940 e início

1980. Quando busquei fotografar as estruturas prediais de Macau, o “Duque de Caxias” já estava em ruínas (1975). Mas consegui fotografias antigas, através da professora Anaíde Dantas, hoje ainda viva e centenária. Com algumas dessas fotos referenciais, pinto um quadro do prédio (que comecei e ainda não terminei) como ele era há 80 anos.

Gosto de imagens e da fotografia, com ênfase nos fenômenos naturais, nas paisagens, na fauna, na flora, na lua, no sol.

Nas minhas fotografias, transito entre o real e o surreal. Mas consigo trazer a lua pra perto dos nossos olhos, nítida, pelas lentes da câmera. Hoje, não precisa ir muito longe para registrar belas imagens de longas distâncias, se você enquadrar e tiver uma luz adequada. O segredo da fotografia é a luz, o ângulo e o enquadramento. O computador ajuda a realinhar e corrigir distorções. Os programas virtuais de hoje são o meu laboratório, que substituíram os laboratórios químicos (ou quartos escuros) das revelações da fotografia em papel.

A pintura veio da vontade de desenhar. Pessoas falam da influência espiritual de cada um. Eu já vi que é um presente agregado em mim, o fazer artístico. Tais vontades e ações é o sentir e o fazer que já é algo de maravilhoso!

Somos, os humanos, constituídos de água e minerais. Tornando-se deficitários tais alimentos, definharemos e morreremos. A Terra tem 70% de água, como nossos corpos também têm a mesma proporção e, assim, todos os animais da Terra.

Quanto à pintura, os materiais básicos são pigmentos de cores em óleo de linhaça sobre telas feitas de linho e cola animal. Gosto do tema surrealismo. passei a pintar paisagens, situações e retratos de pessoas interessadas em tê-las em suas paredes. Estou trabalhando em dois livros simultaneamente, o de arqueologia que tem poucas letras e muitas imagens pré-históricas, ações artísticas dos humanos realizadas há 10 mil anos e que foram deixadas para trás.

Ainda sobre os livros, tenho-os feito em razão da arqueologia e de corrigir grandes erros da história. Este último, no prelo, intitulado “Sete Teses”, em que rompo com o “Novo Testamento” em desmistificar erros graves, como uma invenção e distorções de vários pensamentos. Um historiador deve buscar elementos sólidos e corroborativos.

Num dos temas de “Sete Teses”, sobre as elucubrações de pseudos historiadores sobre “descoberta do Brasil” feita pelos portugueses (tendo como referência o monte Cabugi), quando na realidade foram os espanhóis que aqui chegaram primeiro e deixaram um marco no nordeste, no ano de 1499, possivelmente no litoral do Ceará. Então passei a fazer comparações entre os montes Cabugi e Pascoal, analisando as altitudes e as circunferências destes acidentes geográficos. Sobre este assunto, estará bem delineado essa história no “Sete Teses”. Assim, em extenuantes pesquisas, estou quebrando as mentiras e contestando de forma lúcida os acontecimentos dos registros de diversos navegadores e cosmógrafos antigos. Não tenho pretensão de ser famoso, é uma loucura essa questão de autoenaltecimento. Penso que a religião não salva, o que salva é o conhecimento.

Tenho algumas influências de autores na minha escrita. Na prosa, aprecio o romancista Jorge Amado, cujos livros, quando inicia-se a leitura, não se consegue interrompê-la. Na poesia, destaco Fernando Pessoa, que abordou com maestria o tema “viagens marítimas do descobrimento”.

O que me encantou determinantemente na poesia foi ler livros de diversos temas e autores, para sentir a sonoridade e o conteúdo. De alguma maneira são necessárias as influências e de uma maneira intuitiva, “decodificá-las”, porque minha cabeça fervilhava, sem pressionamento ou pressa. Nesse contexto, o esforço foi essencial em concretizar a produção literária. Sou um autodidata nato e assim gosto ser, sem ser invasivo aos fatos corroborados e aprovados.

Geralmente os autores têm o desejo de serem elogiados, e isso é natural, mas eu não me dou a esse sintoma. Sinto-me realizado em fazer obras que se façam valer e não deixar passar em brancas nuvens o compartilhamento da sabedoria a todos. A simples ideia de que alguém que lê meus textos já me traz satisfação. É importante a produção do conhecimento e do compartilhamento, pois alguém poderá despertar para um passo maior que ainda não tinha vislumbrado. É inerente ao ser humano querer ser reconhecido e ter do que faz e da serventia de suas invenções ou constatações, quando não é preciso se esforçar para além dos limites e se constranger por excesso desse esforço.

Poesias de Getúlio Moura

PRODUTO NATURAL

Uma concepção de poeta
em negras letras pintadas
escritas excêntricas
exatas

Página branca cifrada
textura explícita de palavras
signos abstratos e expostos
e cores

Versos implícitos na visão
copiados da memória
clara percepção da imagem
extrata

Básico efeito de lápis
perfeito reflexo da história
traduzido em sinfonia
da fala

(MOURA, 2015, p. 5)

PRELÚDIO DE PINCÉIS

A paisagem do crepúsculo
morre aos poucos
negra
enquadrada na janela

Um olhar solitário vaga
sob o silêncio do fogo
sinuoso
da chama viva da vela

Leve movimentos de mãos
pintam signos da terra
e da lua
na superfície da tela

Quando a chama se apaga
o quadro termina iluminado
e o pintor
busca outra janela

(MOURA, 2015, p. 8)

SOLIDÃO

Quando Deus teve o sol
e seus planetas gravitacionais
orbitantes
já criava outras mil estrelas
de rotatividade central

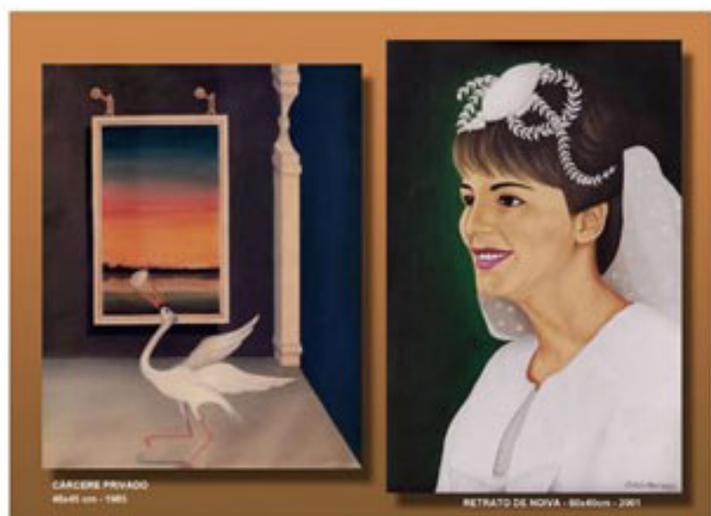
Na distância certa do fogo
se fez o corpo da terra
oxidante
sólidos, líquidos e gases
na escala térmica vital.

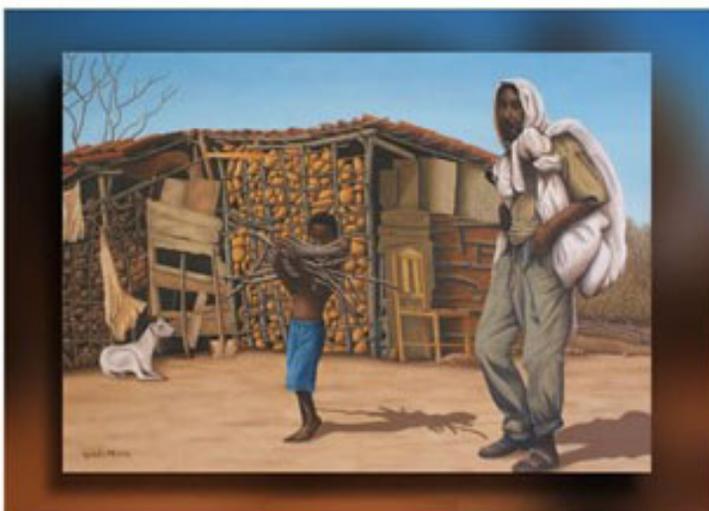
Átomos misturados
moléculas
células multiplicáveis
multiformes
no movimento químico do tempo
transformando tudo
moldando animais fecundos
separados
expandindo os movimentos
à procura das metades
entre desejos dominantes
como ímã
cúmplices do prazer
na prática alquímica da mágica
podendo a vida refazer
lançando seres superiores
num mundo de lugares
datas e horas marcadas

(MOURA, 2015, p. 22)

Telas de Getúlio Moura







HORÁCIO PAIVA



Nome completo	Horácio de Paiva Oliveira
Nascimento	30/08/1945
Naturalidade	Macau/RN
Formação	Direito
Profissão	Advogado e bancário.
Livros publicados	Antologia Poética Potiguar (poesia/coletivo – 1997); Navio entre espadas (2002); A Escola de Macau (poesia/coletivo – 2003); Clarões da Tela – O cinema dentro de nós (crítica cinematográfica – coletivo – 2006); A Torre Azul (2012); Coletânea de Poemas – UBE/RN (coletivo – 2015); Caderno do Imaginário (2016); Literatura Brasilis – Colección Potiguar (poesia e prosa – coletivo – 2017); Literarte Celebra Nordeste (poesia/coletivo – 2019); Contos e Crônicas – Coletânea UBE/RN (coletivo – 2019).

Fui um privilegiado. Sou o mais novo dos irmãos e lá em casa o meu pai dava grande incentivo à educação. Ele considerava a educação como um bem de valor maior, mas não chegou a fazer curso superior porque, àquela época, não havia universidade aqui no RN, e a mais próxima ficava no Recife. Ele não estava com essa condição e, portanto, para manter-se, enveredou pelo comércio, com êxito, afinal. Apesar disso, estudou em Assu e Macau e escrevia muito bem. O professor dele, o mais famoso, de quem ele muito falava, foi o poeta Edinor Avelino (o pai do também poeta Gilberto Avelino), seu professor de Português. Nesse contexto, meu pai gostava de ler e conhecia bem a Constituição brasileira. Com essa vivência e apreço pela educação, incentivou os filhos ao estudo.

Assim, nós, os quatro filhos, estudamos todos em Natal. Fui para Natal com sete anos de idade. Tive vários mestres em casa: meus irmãos mais velhos, que também gostavam de arte e muito me influenciaram. Graziani, que é o mais idoso, com 80 e poucos anos, é um *expert* em música clássica, mas pouca gente conhece esse seu domínio, porque ele não escreve sobre isso. Há um espaço na casa dele destinado somente à reprodução de vídeos e CDs de música. Recebi dele essa boa influência, pois me ensinou a gostar dos clássicos desde cedo. Além disso, deu-me o livro que mais me

marcou: “Obras-primas da poesia universal”. É um livro organizado por Sérgio Milliet, que foi um grande intelectual brasileiro na década de 1940/1950, contemporâneo de Manuel Bandeira. Quando ele me deu esse presente, eu deveria ter uns 13 anos de idade e esse gesto foi muito importante no desenvolvimento de meu gosto pela literatura, sobretudo pela poesia.

Devo ao meu irmão Daltro, já falecido, significativa influência na literatura e na filosofia. Muito culto, tinha uma biblioteca formidável. Foi quem me apresentou Fernando Pessoa, numa época em que poucos o liam nestes arredores. Ele tinha uma edição fax-similar da revista Orpheu e era um leitor voraz, lendo, recolhido em seu quarto, durante quase todo o dia. Fez Direito em Maceió. Depois tornou-se juiz. Havia, então, em nossa casa, esse ambiente de leitura. Outro irmão, Hermano, que gostava muito de política, muito participativo no movimento estudantil e nas lutas sociais, chegando mesmo a ser eleito deputado, também me influenciou. Todos eles me influenciaram... Portanto, fui criado num ambiente cultural muito fértil, dedicando-me à literatura desde os 13 anos.

Esse gosto pela literatura conduziu-me ao exercício da tradução. Dizem que a poesia traduzida por um poeta é outra coisa. Traduzi vários poemas de autores de língua francesa e espanhola. Inclusive de um grande amigo meu, o poeta e ensaísta cubano Félix Contreras e de seu amigo, da Universidade de Havana, o poeta Roberto Manzano. Em casa também estudávamos línguas. Daltro gostava muito de inglês. Eu não falo fluentemente esse idioma, mas, havendo

estudado na antiga Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos, nele consigo comunicar-me, chegando a traduzir pequenos textos. Tenho familiaridade com a língua francesa, por causa da Aliança Francesa, onde também estudei e por mais tempo. E, quanto à língua espanhola, o próprio gosto pela literatura aproximou-me dela. Admiro muito um poeta místico do Século XVI, época de ouro da poesia espanhola, San Juan de la Cruz. Traduzi um poema dele, talvez sua obra-prima, Noite Escura, e D. Nivaldo Monte, meu amigo e Arcebispo de Natal, gostou muito dessa tradução.

Mas passei muito tempo sem publicar nada e sem dedicar-me à literatura, que era o que eu mais gostava. O país viveu aquele tempo difícil, e eu participei da luta de resistência pela democracia. Comecei o Curso de Direito em Recife e ali iniciei também Filosofia. Mas, havendo conseguido minha transferência do Banco do Brasil, onde trabalhava, para Natal, tranquei esse último curso (não havia, à época, filosofia pura em Natal), permanecendo apenas em Direito. Tranquei-o e fiquei só com Direito. Até pensei em fazer História, área também de minha predileção. Frequentemente, insiro umas figuras históricas nos meus poemas, citadas em Plutarco. Construo essas imagens sem intelectualizar muito. Hoje faço parte do Instituto Histórico e Geográfico do RN, mas participo pouco de suas atividades.

Envolvi-me nos movimentos sociais, e esta foi uma das principais razões de eu ter escolhido cursar Direito e não História, uma de minhas preferências de curso. Decidi por Direito para mais participar da organização e da defesa dos direitos sociais, tanto é que eu fui, aqui no Rio Grande

do Norte, pioneiro, na década de 1970, na luta pelos Direitos Humanos, havendo sido presidente e fundador da Comissão Justiça e Paz, da Arquidiocese de Natal (entidade que, infelizmente, não existe mais), além de presidente e fundador da primeira central de trabalhadores urbanos e rurais, no pós-64, a Unidade Sindical, depois denominada de Coordenação Intersindical do Estado do Rio Grande do Norte.

Na minha adolescência, estudei no Colégio Marista, numa época em que a organização do ensino tinha a seguinte forma: quem pretendia cursar Direito, deveria fazer o Curso Clássico; já o Científico era para quem pretendesse Medicina, Odontologia, Engenharia, áreas biomédicas, técnicas, enfim. O Marista não ofertava o Clássico, então fui para o Atheneu. Tive grandes mestres: Edgar Barbosa; Américo de Oliveira Costa; Cônego Luiz Vanderley, que ensinava Latim (outra língua que admiro, gosto e da qual traduzi alguns poemas). O Cônego fumava charuto enquanto ministrava a aula e era bem rigoroso na pronúncia. Obrigava-nos a recitar as Catilinárias, repetidamente, o que nos levava a decorá-las... e eu conseguia isso (ainda hoje, sei de cor o seu início). Grandes mestres!

Quando terminei o primeiro ano do Clássico e estava de férias em Macau, surgiu o concurso do Banco do Brasil. Eu só tinha 18 anos e tive de conversar com meu pai, porque ele queria primeiro o compromisso com os estudos, com a formação universitária, e depois o emprego. Mas esse era no Banco do Brasil, que remunerava muito bem, melhor do que a remuneração de auditor fiscal ou mesmo juiz estadual (isto antes da reforma do judiciário). Meu irmão, que era juiz,

recebia menos do que eu. Então valia a pena interromper os estudos. Os primeiros candidatos classificados escolhiam onde queriam ser lotados, mas esse concurso era nacional e os aprovados poderiam ir para lugares distantes, como a Amazônia ou Rio Grande do Sul. Como fui classificado nos primeiros lugares, poderia escolher. E escolhi inicialmente Natal. Mas não havia vaga em Natal. Mudei então minha escolha para Macau. E o “menino” de 18 anos voltava para casa.

Em Macau, fiz o curso “Técnico em Contabilidade”, para conseguir terminar o 2ª grau. Um amigo do Rio de Janeiro, João Batista de Miranda Aranha, estava instalando o PASEP e, vendo meu desejo de cursar faculdade, decidiu ajudar-me. Era um alto funcionário do Banco do Brasil e disse-me que minha transferência para Natal não era possível, mas havia as opções de Recife ou Salvador. Então eu escolhi Recife e comecei a estudar lá. Depois vim para Natal, permutando vaga com um colega que precisava ir morar no Recife.

Atuei politicamente e com intensidade no período ditatorial. Entretanto, era contra a luta armada, por uma questão moral, estratégica e teleológica. Eu não era do Partido Comunista, mas concordava com sua posição contrária à luta armada. Hermano (meu irmão), que chegou a ser secretário-geral desse partido aqui do RN, tinha posição idêntica. Ademais, do ponto de vista teleológico, considerando a finalidade do movimento, eu - um pacifista e admirador de Gandhi - também era contra à luta armada. Entretanto, era tolerante às demais correntes, por respeito ao livre direito de pensar. O sectarismo é um péssimo caminho e nunca o

acolhi. Uma coisa é estar de acordo ou não com o governo e outra coisa é estar de acordo com o povo.

Em 1980, eleito presidente do Sindicato dos Bancários do RN e tendo êxito na articulação com outras entidades sindicais, fui fundador da primeira Central de Trabalhadores do RN, após 1964, inicialmente denominada Unidade Sindical do RN e depois, Coordenação Intersindical do Estado do RN. Antes, a partir do Movimento Social, participara da criação, em 1978, da Comissão Justiça e Paz, no âmbito da Arquidiocese de Natal. Queríamos criar um Centro de Defesa de Direitos Humanos. Eu estava à frente desse movimento, juntamente com o Padre Pio, que já desenvolvia um trabalho social, Dermi Azevedo, jornalista, Elias Maciel, também advogado, meu amigo e compadre, que trabalhava comigo no Banco do Brasil, e Rivaldo Fernandes, da Pastoral da Juventude da Arquidiocese, que depois foi dirigente do PT e do PV. Queríamos criar esse Centro de Defesa de Direitos Humanos análogo ao que já existia na Paraíba e centrávamos nossa luta nisso.

Com esse propósito, estive na Paraíba, vendo a experiência de Wanderlei, Genário e outros militantes do Centro de Direitos Humanos de lá, com aceitação de Padre Pio. Mas, um dia, este expôs a situação a D. Nivaldo, e este propôs que fizéssemos a Comissão dentro da própria Igreja, ligada ao organismo internacional que já existia, com sede no Vaticano, e, portanto, com muito mais garantias. Assim, criamos a Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Natal. Mas D. Nivaldo era muito cauteloso, e queria assegurar-se de que desenvolveríamos uma linha de trabalho mais

próxima a ele (nesse tempo não éramos ainda os grandes amigos que nos tornamos depois), sem ideologias estranhas à Igreja. Provavelmente por essa razão, indicou o advogado Adilson Gurgel - meu amigo e que anos mais tarde veio a ser presidente da OAB/RN - como primeiro presidente da recém criada Comissão. Adilson, porém, para preservar sua pretensão como professor universitário, a pedido da família e ante inúmeras ameaças sofridas, declinou do exercício do cargo. Diante disso, D. Nivaldo decidiu promover uma eleição interna, para formação de uma lista tríplice, que seria a base para a nomeação do novo presidente. Nessa lista, eu fui o mais votado e também o nomeado, obtendo o Padre Pio a segunda votação (acho que ele próprio também votou em mim).

Com isso, comecei a desenvolver inúmeras atividades, inclusive no campo, ajudando o Serviço de Assistência Rural (SAR) nas questões agrárias. Participei da primeira luta de reforma agrária na fazenda Ingá, no Município de Taipu, onde várias famílias camponesas moravam lá há muitos anos.

Através desse trabalho social, ganhei confiança e popularidade junto ao pessoal do campo. Francisco Urbano, que foi um importante líder sindical no RN (chegando depois a ser candidato a senador), era tesoureiro da Confederação Nacional da Agricultura (CONTAG) e tinha sido presidente da FETARN. Quando eu assumi o sindicato dos bancários (uma campanha incrível porque nós derrotamos a pessoa que estava lá desde 1964), uma das primeiras preocupações era com a unidade dessas lutas dos trabalhadores urbanos e

rurais. Nosso pensamento era no sentido de que deveríamos criar uma central sindical.

Então, lembro bem, disse-me Urbano: “Se você ficar na liderança, nós topamos”. Eu já estava no Sindicato dos Bancários. Dessa forma, nos articulamos com alguns sindicatos urbanos. A maioria não aderiu de imediato; mas muitos, sim. E entre estes, vários de profissionais liberais - sociólogos, médicos, jornalistas, professores. Outros foram muito importantes nesse início de organização: Sindicatos dos Bancários (que eu presidia), Sindicato dos Trabalhadores em Água e Esgotos do RN, Sindicato dos Gráficos, Sindicato dos Eletricitários etc.

Voltando aos tempos da Comissão Justiça e Paz, convém narrar um episódio ilustrativo do período: a primeira greve de professores do Rio Grande do Norte após 1964, deflagrada em 1979. Fomos pioneiros no apoio a essa greve histórica, com pronunciamento à sociedade, expresso através de nota publicada. Essa nota, que sairia numa quarta ou quinta página de jornal, na verdade ganhou a primeira página do jornal O Poti, editado aos domingos. Ela afirmava que era justo o direito de greve, o aumento salarial e outras questões pautadas pelo movimento.

Em consequência dessa nota, sofri ameaças, pressões para retirá-la, porque, na véspera - e portanto, antes de sua publicação -, como havia a censura, ela logo chegou aos órgãos de informação do Governo. Então, naquela tarde de sábado, recebi nada menos de três ligações de diferentes origens: a primeira, do chefe da Casa Civil do Governo do Estado, que era José Bezerra Marinho, um ex-líder estudantil, meu

conhecido. Depois, de alguém que se identificou como do Serviço de Informações do Exército, alertando-me que a nota incitava ao crime, visto ser a greve proibida, e que eu estaria sujeito a sanções. Em seguida, e afinal, ligou-me D. Nivaldo, nosso Arcebispo, certamente também contatado, pedindo-me para ler-lhe o teor da nota. Li-a e ante seu moderado teor e argumentação ele acedeu em mantê-la. No entanto, a repressão à livre movimentação social dos trabalhadores em educação continuou até a reabertura democrática, prejudicando a vida profissional de muitos, inclusive a do então professor e hoje padre, Antônio Murilo, que foi demitido na greve de 1981. Há alguns anos, fiz sua defesa, como advogado, quando ele acionou a justiça pedindo reparação de direitos, que foi negada na primeira instância. Entretanto, recorremos ao Tribunal de Justiça do Estado que, por unanimidade, anulou a sentença.

Particpei de todos esses movimentos sociais. Fui um dos membros da Comissão Nacional Pró-CUT, eleito na Primeira Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (1ª CONCLAT), realizada em São Paulo, numa tentativa de criação de uma central nacional unitária dos trabalhadores brasileiros. Ali, fui eleito para a Comissão Nacional encarregada de organizar essa nova central, a primeira pós-64, composta por 56 dirigentes sindicais de todo o País e denominada de Comissão Nacional Pró-CUT. Eu e o presidente da Fetarn, José Francisco da Silva (Menezes) representávamos o RN. Esse belo projeto, entretanto, veio a ser prejudicado, com a posterior partidarização e conseqüente divisão do Movimento

Sindical. Eu participava de uma corrente independente, que lutava pela unidade do Movimento.

Além do exercício de todas essas atividades, ainda fui coordenador do Movimento Pró-Diretas aqui em Natal (nossa atual governadora, Fátima, também participou conosco desse movimento, cujas reuniões ocorriam na sede da Associação dos Professores, hoje sindicato) e realizamos, na Praça Gentil Ferreira, o primeiro grande comício, em Natal, no dia 10 de fevereiro de 1984, por eleições diretas para Presidente da República, inteiramente promovido pelo movimento social local. O outro, o maior, foi realizado em abril desse mesmo ano, e contou com a presença de expressivas lideranças partidárias nacionais, como, dentre outras, Tancredo Neves, Ulisses Guimarães, Marcos Freire etc. Neste, também fiz-me presente. Foi, deveras, um trabalho intenso esse que desenvolvi em prol das liberdades democráticas e dos direitos sociais, e tive, para bem executá-lo, de afastar-me daquilo que mais gostava de fazer: escrever. Mas fui reconhecido. Recentemente, nas comemorações do Dia do Trabalho, recebi homenagem da Assembleia Legislativa do RN pela luta que desenvolvi em favor da classe trabalhadora.

Tudo isso influenciou minha obra literária. Não que eu faça poesia panfletária, mas influenciou quanto ao desenvolvimento temático das ideias, revestidas de mais maturidade e reflexão. Num poemeto que fiz, intitulado Oitava Social, assim expressei meu pensamento político: “se quereis saber olhai/ não vos falte o senso lógico/ em três palavras tereis/ meu viés ideológico/ o que logo encontrareis/ nessa trindade ideal:/ liberdade democracia/ e justiça social.”

Em relação aos estudos, sempre fui um bom aluno. Fiz o meu primário no Colégio Sete de Setembro, onde hoje funciona a UNP da Rua Seridó. Eu nem pensava, naquela época, que iria ser escritor, mas tinha um imaginário desenvolvido e muita sensibilidade, além do incentivo do meu pai pela educação e da prática de contação de histórias da minha mãe. Ela também exerceu grande influência no meu desenvolvimento intelectual. Levou-me a conhecer muito cedo Monteiro Lobato e suas ricas narrativas do Sítio do Picapau Amarelo.

Comecei a escrever quase como uma brincadeira, à época em que eu terminava o quarto ano primário, ou o primeiro ginásial. O senhor que ajudava nos trabalhos de nossa casa, em Natal, era de São Rafael, e estava contando uma história que envolvia o seu contexto familiar naquele município. Então, no meio de sua narrativa, de súbito saí-me com um improviso brincalhão: “Gonçalo passando um dia/pela casa de sua tia...” e fiz uns versos de humor engraçados. Meu irmão mais velho os viu e comentou com seu amigo Giovani Porpino. Naquele momento, achei que tinha falado alguma coisa que atraía a atenção, embora sem qualquer valor estético - uma brincadeira mesmo. Apesar disso, comecei a rascunhar outros textos.

Em Macau, entre as décadas de 1950 e 1960, circulava um jornal intitulado O Nacionalista. Havia uma aproximação nossa com os seus editores. Meu pai, que era dirigente do PSD local, fizera uma aliança com o PTB, e elegeram o prefeito e o vice-prefeito de Macau: ele, vice-prefeito, e Venâncio Zacarias, pai do deputado Floriano Bezerra (dono do jornal), prefeito.

Apoiaram também a chapa Lott-Jango, para Presidente e Vice, da República, dobradinha também vitoriosa em Macau. Meu irmão Daltro escrevia n' *O Nacionalista*. Tinha uma original coluna chamada Dicionário Interessantíssimo, que era um dicionário irônico, para mexer com políticos. Minha primeira publicação poética deu-se nesse jornal, em 1961. Eu tinha então 15 anos de idade e o poema chamava-se *Tempo*, e consta, também, de meu primeiro livro (*Navio entre espadas*), somente publicado bem mais tarde, em 2002. Os temas relacionados ao tempo e à memória sempre me impressionaram. Quando escrevi esse poema era praticamente uma criança, mas já falando como adulto.

O poema *Serafim*, já mais elaborado, é um marco em minha poesia. Escrevi-o bem depois desse primeiro poema, aos vinte e poucos anos. Fiz também poesia visual. Um exemplo é o poema *Enigmatrizes*, também inserto no livro *Navio Entre Espadas*. Há vários outros, como, ainda, poemas concretos, a exemplo de *Carnaval*, até hoje “quase” inédito, não fora sua publicação em *blogs*. Apesar de haver participado de um grupo de amigos que produziam poesia visual e adotavam o poema processo, nunca entendi a formulação desse caminho como única e exclusiva em termos estéticos. Defendo a liberdade na produção literária, a linguagem plural, podendo o artista utilizar-se de todos os recursos estéticos. Tudo contribui para a expressão ontológica e profética do belo. A poesia tem de ter essas vozes, ou a poesia não tem de ter nada. Às vezes compomos um poema sem maiores expectativas de retorno, mas as pessoas gostam e, às vezes, construímos algo com muito empenho e não ocorre

a recepção desejada. Então a poesia é livre, e eu gosto muito desse lado profético da poesia. Dizia Ezra Pound que “os artistas são a antena da raça”. E são mesmo.

Minha mãe era muito religiosa, mas não evitou que seus quatro filhos fossem materialistas. Dois deles, porém, eu e meu irmão Daltro, mudaram. Hoje sou filosoficamente idealista e espiritualmente cristão. Acho que o processo de minha conversão teve início com minha participação no movimento social, na segunda metade da década de 1970. Sou de Deus é o título de um livro que escrevi com poemas ditos confessionais, ainda inédito, e que pensava lançar em Canindé, Ceará, no mosteiro das Clarissas, onde vive minha cunhada, a Irmã Maria Clara de Santa Maria dos Anjos. Lá, certa vez, li um poema meu, O Natal de São Francisco, para uma multidão de romeiros. É um poema de fácil leitura, que foi até musicado pelo compositor e poeta Roberto Lima e ficou muito bonito, sobretudo quando interpretado em duas vozes. Consta do CD Poetas em Cantoria, que reúne poemas de vários poetas norte-rio-grandenses, musicados por Roberto Lima.

Além do tempo, a morte é um tema que aparece na minha poesia constantemente. Digo que sou um aluno de Orfeu, essa figura mitológica e lendária, que influenciou o pensamento e a religiosidade, e ainda inspira o fazer artístico. Há uma belíssima ópera de Gluck, Orfeu e Eurídice, que explora a lenda de Orfeu e sua descida aos Infernos, à casa de Hades ou Plutão, para resgatar a sua amada Eurídice, que havia falecido. De tempos em tempos vejo essa ópera, em DVD cedido pelo meu irmão Graziani, de sua vasta

discoteca clássica. Também há um filme surrealista de Jean Cocteau, *Orphée*, imperdível. Aliás, ainda sobre esse tema, é o meu poema *Na Casa de Hades*. Schopenhauer chegou a dizer que “a morte é a musa da filosofia”, pensamento que também nos remete a Platão e Sócrates, que definiam a filosofia como “preparação para a morte”. E é inegável que a morte tem sido musa, também, na poesia. E quanto se aprende com a poesia, fonte inesgotável de conhecimento! Vejam esses versos de Calderón de la Barca: “La vida es sueño/ y los sueños sueños son”. Não alimentam apenas a utopia, mas adentram o mistério e o traduzem.

Em minha trajetória existencial, sempre procurei descobrir, conhecer mais, quebrar paradigmas, enxergar mais longe, inconformado pela limitação de nossos cinco sentidos e percebendo ou crendo que o mundo real é bem maior. Certo ou errado (quem julgará?), e nesta perspectiva, abandonei o materialismo e adotei o idealismo (embora minha forma de pensar e dispor as ideias continue dialética). Isto é, primeiro a ideia, depois a matéria. Procuro enriquecer o horizonte de minha percepção, e, nesse rumo, digo que a poesia é profética, porque passa a ser mais ampla do que o simples e concreto. O tema da morte é um desafio, porque a morte é, como a vida, como tudo, um mistério. Mas, numa perspectiva de eternidade, como na visão agostiniana e platônica, não há morte, porque tudo continua existindo. O tempo metafórico que inventamos é o predador de todos nós. Por isso que a morte me interessa, como outros temas essenciais também me interessam. Minha poesia trata dessa minha mudança, até porque fui ajudado por ela. Poesia e profecia são irmãs,

andam juntas. Mas faço um esclarecimento ou retificação: digamos que eu fui existencialista, e, sobretudo, agnóstico. Não fundamentalmente materialista. E gosto muito do tema da expansão da consciência, para sentir mais e pensar mais. Por isso não creio que a realidade seja apenas isto. Sou, deste modo, um neoplatônico. Reflexões como estas, sobre a expansão da consciência, sem dúvidas nortearam o poema O Espelho, de meu livro A Torre Azul, lançado em 2012:

“No espelho não procures
o retorno de tua alma
ou de teu corpo

Crês no que vês, é certo -
mas imagens são miragens
que no deserto enganam
os teus olhos fatigados”

Voltando no tempo: no início de 1963, eu já me articulava, em Natal, com vários outros jovens literatos. Conheceria os irmãos e escritores Anchieta Fernandes, João Charlier Fernandes e Fernando Pimenta, que, chegados há pouco de Caraúbas, tornaram-se grandes amigos meus. Mais tarde seriam prefaciadores de meus livros. Conheci também Francisco Antônio Cordeiro Campos, que não mora mais aqui; Marcos Aurélio de Sá, depois jornalista, dono e editor do Jornal de Hoje; Dailor Varela, poeta; Ivan Sérgio Freire; Walter Varela, ou Walter Berbe (pseudônimo que passou a utilizar), também poeta, e outros.

Como tínhamos uma boa interação e basicamente o mesmo propósito artístico, surgiu-nos a ideia de dar forma a esse grupo, criando uma espécie de academia de jovens escritores e artistas. Assim, nasceu o que chamaríamos de Salão de Letras e Artes, logo mudado para Movimento dos Novíssimos, nome que expressava melhor o que éramos de fato: jovens livres que estavam começando a escrever e criar. E conseguimos um feito interessante: uma coluna no jornal católico A Ordem, que hoje é um jornal clerical, voltado para assuntos paroquianos, mas, à época, era aberto e vendido nas bancas. O chefe de redação era um ilustrado português, Manoel Chaparro. Entre nós, como Marcos Aurélio já demonstrava sensível habilidade jornalística, tornou-se o responsável pela coluna, onde publiquei o poema Fuga, escrito aos meus 17 anos, e também publicado trinta e nove anos mais tarde, no meu primeiro livro solo, Navio Entre Espadas, em 2002.

Depois, no segundo semestre de 1964, voltei para Macau, porque, aprovado em concurso público naquele ano, ingressei no Banco do Brasil, sendo-me designada a agência dessa cidade, a meu pedido, já que em Natal, onde pensava continuar meus estudos, não havia vaga. Posteriormente, fui para Recife, onde estudei, inicialmente, matérias de Direito e Filosofia, na Universidade Federal de Pernambuco, e onde conheci César Leal, poeta renomado que foi meu professor de estética e teoria da literatura. Certa vez, vendo alguns de meus poemas, pediu-me cópias e levou-as consigo, não me revelando qualquer outro propósito. Num domingo, lendo a edição do Diário de Pernambuco daquele dia, no

meu apartamento em Boa Viagem, deparei-me com uma página cheia daqueles meus poemas. Foi uma surpresa agradabilíssima! E mais um incentivo no meu caminho. Passei pouco tempo em Recife, mas foram anos intensos. Conheci figuras incríveis como Evaldo Cabral de Melo, irmão de João Cabral de Melo Neto, Capiba, grande compositor, e o carnavalesco Colaço... E lá iniciei outras grandes amizades, que perduram até hoje.

Recentemente, em Macau, fui aclamado presidente da Academia Macauense de Letras e Artes (AMLA), entidade criada por ilustres escritores e artistas do Município, com a minha participação. Minha ligação com Macau é muito profunda, devido ao grande amor que lhe tenho. Lá nasci e vivi parte de minha infância e, sempre que a ela retorno, as recordações me visitam intensamente, criando um clima de nostalgia. Daí o haicai que fiz numa de minhas visitas:

“EM MACAU
Estou em Macau -
as lembranças
caminham comigo”

Talvez por isso haja começado a escrever, sem pressa, mas com muito carinho, um livro de memórias: Gamboa das Barcas, em referência àqueles lindos braços verdes de água salgada que são as *gamboas*, expressão consagrada em Macau. Gamboa das Barcas era a gamboa principal da Ilha de Manoel Gonçalves, onde os navios atracavam. Macau é filha da Ilha de Manoel Gonçalves, sua vizinha, tragada pelas águas do Atlântico. Assim, Macau, como Vênus, tem

a mesma origem mitológica, pois nasceu do mar. Sobre o tema, fiz esse poema ilustrativo, ainda inédito:

ILHA DE MANOEL GONÇALVES

Se perguntarem por você
direi que você não mais existe
a Gamboa das Barcas virou mar

Mas em Macau há um retrato seu
uma cruz e uma espada
um veleiro e um santuário
E sempre haverá um berço
para acolher e embalar sonhos
de filhos pródigos, viajantes
e naufragos do tempo.

Esses textos autobiográficos são bem curtos. Alguns revelam histórias que ouvi de meu avô, e que me impressionavam, relatos sobre fatos reais de sua vida, envolvendo caçada de onça, viagens a cavalo, costumes antigos etc. Outros referem-se a histórias ocorridas comigo mesmo, na infância, adolescência ou vida adulta. Escrevo essas histórias transportando-me ao passado, como se vivenciasse o momento de sua contação ou do ocorrido (se relacionadas comigo), usando, pois, em minha escrita o presente do indicativo, como tempo verbal. O presente, aliás, é o tempo mais adequado à eternidade.

Um dos fatos que vivenciei, e que transformo em texto, diz respeito ao meu pai doente, com febre tifoide, o que me causou, mesmo em tenra idade, enorme preocupação. De

tão grande impacto, que continua muito vivo em minha lembrança. Havia um campo de aviação em Macau e o governador, à época, era José Augusto Varela, esposo de Dona Conceição, parente de minha avó. Apesar de divergências políticas com meu pai no passado, teve o gesto de grandeza de mandar um avião para transportá-lo a Natal, ante seu estado de gravidade, para tratamento adequado. Fui de automóvel com minha mãe deixá-lo no campo de aviação. E aquela situação, para mim, vendo o intenso sofrimento de meu pai, foi extraordinária, e fixou-se definitivamente em minha memória. Tratando-se de algo ocorrido entre 1948 e 1949, quando eu tinha entre três a quatro anos de idade, é seguramente minha lembrança mais antiga.

Entre as minhas memórias, figura um grande amigo, Gilberto Avelino. Além da grande e antiga amizade, trabalhamos juntos como advogados. Ele, dezessete anos mais velho do que eu. Mas desde criança o conhecia. Seu pai, o grande poeta Edinor Avelino, fora professor de português de meu pai. E meu pai, de certo modo, fora professor de política de Gilberto. Este tinha-lhe grande admiração e o acompanhava, com outros jovens, em suas campanhas políticas. A Escola de Macau, título de uma antologia de escritores macauenses, surgiu de uma conversa entre mim e ele. Tratava-se não de uma escola, em seu sentido físico, mas de uma amostra do que se fazia em Macau em matéria de poesia. Ele morreu quando eu já fizera o prefácio. A ideia, porém, continuou viva. Benito Barros e Getúlio Moura encarregaram-se da seleção dos poemas e da arte gráfica, e o livro foi publicado.

Em Macau, podíamos contar com a Imperial Casa Editora da Casqueira – ICEC, a lendária editora de Benito e Getúlio.

Dessa forma, nunca me afastei de Macau, apenas fisicamente, porque trabalhava em meu escritório de Natal, mas, mesmo assim, tínhamos, eu e Gilberto, várias ações jurídicas em Macau, onde Gilberto mantinha uma de suas residências e também um escritório. No início da semana em que faleceu, eu estava com ele lá, tratando de uma ação trabalhista. Lembro de quando saímos juntos da Vara do Trabalho e ele tombou um pouco. Então perguntei-lhe se não se sentia bem e se gostaria de voltar comigo naquele dia a Natal. Muito espirituoso, respondeu-me: “E eu lá sou homem de passar só um dia em Macau, Horácio!” E rimos muito.

Nós já cogitávamos, eu e Gilberto, de criarmos uma academia de letras em Macau. Só não chegamos a agregar mais gente em torno dessa ideia, a materializá-la. Hoje concretizamos esse projeto, e a presença de outro amigo, Alfredo Neves, foi fundamental. Apesar de não dispormos, ainda, de estrutura física, a AMLA é uma realidade que se concretiza no patrimônio humano, artístico e espiritual de vários e talentosos acadêmicos, macauenses de nascimento ou coração.

Poesias de Horácio Paiva

INSTANTÂNEOS

Tudo é eternidade
muitos olhos a veem

mas só um olho a vê completamente

Uma mulher sentada à janela
com o mesmo olhar que julgava perdido
vê a tarde
vê o sol que adentra a casa ao lado
como um deus que retorna à sua intimidade

Um gesto involuntário
a música volátil dos jasmims que ensaia o vento
toca com o pé a aba do vestido
e seca um oceano

Do outro lado da galáxia
um meteoro anuncia a parábola morta
dos instantâneos desse tempo que não vemos
desenhado na poeira estelar

E neste mar de fábulas perambula
a senha da sanha dos antigos
no “navegar é preciso
viver não é preciso”

Será isto que Cila e Caríbdis também repetem
do alto de sua cátedra de enganos
nesse outro universo paralelo
onde ainda pensam governar
os fantasmas do medo?

Nesta margem me recolho e me concentro
para poder discutir tais códices
como um *master* seguro no vácuo
a perseguir relâmpagos num eterno

presente que não se põe em pé
mas de onde jorra o conhecimento que sacia
a disciplina do absurdo.

TEMPO

A paisagem é a mesma
E o céu como antigamente
Até parece que nada mudou.

No ar: a mágoa que restou, calada.
Nas coisas: o silêncio soturno
Que o passado deixou.

Existe alguém que oprime
a alma de alguém que retornou:
e não a tristeza, mas apenas

A solidão de quem se afastou...

(PAIVA, 2002, p. 86)

SERAFIM

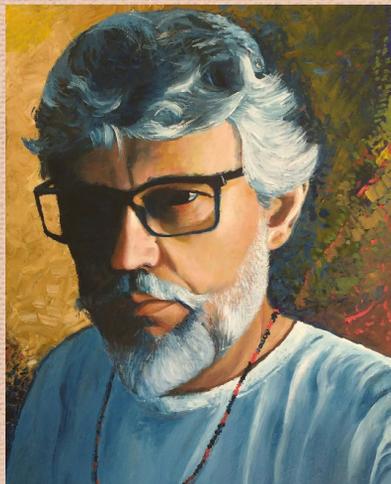
Serafim da noite
Serafim da morte
Serafim do amor

Será finda noite?
Será finda morte?
Será findo amor?

Será fim da noite?
Será fim da morte?
Será fim do amor?

(PAIVA, 2002, p. 85)

JOÃO VICENTE



Nome completo	João Vicente Guimarães Barbalho
Nascimento	14/06/1963
Naturalidade	Afonso Bezerra/RN
Formação	Técnico em Mecânica, pela ETEFRN (IFRN, Campus Natal-Central)
Profissão	Aposentado pela Petrobras
Livros publicados	Olhos Ateus, poesia (1998); A Escola de Macau, poesia (2003); A Escola de Macau, poesia (2003); Peleja de Recado – João Vicente e João de Calais (1997); Peleja de Recado – Zé Vieira e João Vicente (2000); Peleja de Recado (A Peleja do Pau Torto) – João de Zé de Bela e João Vicente (2012).

A primeira lembrança que tenho de leitura na minha infância é das noites na casa do meu avô, numa fazenda arrendada nos arredores de Afonso Bezerra. Ele, como arrendatário, morava na casa grande, vizinho ao açude. Nas férias escolares, época da colheita do algodão, eu ia pra fazenda, mas ficava na casa de meus tios, Pedro e Edite, pois tinha os primos para brincar. À noite, depois do jantar, íamos todos pra casa do meu avô. Lá, à luz do lampião, uma tia que morava com ele, lia cordel para todos. E eu pequeno, sentado aos pés da leitora, viajava nas histórias dos heróis e bandidos da narrativa cordelista.

Mais tarde, um pouco mais velho e já morando em Macau, lembro de ter contato com a leitura de fotonovelas, revistas em quadrinhos... Não lembro, infelizmente, de leitura de clássicos da literatura até ir morar em Natal, para estudar na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN).

Creio, não sem dó, que isso (a falta de acesso e estímulo a leitura) deveu-se ao golpe militar e ao alinhamento das escolas públicas naquele período, à origem humilde da minha família de 9 irmãos, e à baixa escolaridade dos meus pais.

Mesmo que tenha lido algum clássico nessa época, não fui marcado pela narrativa. Se tive alguma influência poética daqueles tempos, foi das músicas que ouvia no rádio

e no sistema de autofalantes de Afonso Bezerra e Macau. Já em Natal, no início de 1979, o contato com a literatura foi um pouco maior.

Algumas experiências despertaram meu interesse pela leitura e a escrita. Primeiro foram os amores, realizados ou não, sob a influência do poeta Vinícius de Moraes; depois a miséria e sofrimento do povo humilde, influenciado por Thiago de Melo, João Cabral de Melo Neto, Maiakovsk etc.

Não sou poeta de ofício. Logo, tenho fases de inspiração e escrita. Mas anoto tudo que posso, pois lá adiante pode resultar num poema; são os 90% de transpiração. Então minha motivação é fugidia, podendo ser para impressionar, para me afirmar ou, na maioria das vezes, por um impulso interior que me obriga a colocar pra fora o que vai dentro do peito...

Diversas referências literárias e culturais habitam meu mundo de escritor. De Luiz Gonzaga a Zeca Baleiro, passando por Ariano Suassuna e Elomar, pelo regionalismo e poética de resistência cultural; Vinícius de Moraes, pelo lirismo; Manoel de Barros, por dar voz as coisas; Bashô e outros, pela espiritualidade e simplicidade poética; Drummond, Bandeira e outros, pela poesia cotidiana. Leminski, Quintana, pelo impacto do fortuito. Não tenho acompanhado as novas gerações do Brasil, ou de fora.

Vou com pouca frequência em Afonso Bezerra, onde nasci, e em Macau, onde cresci. Mas a minha relação é nostálgica, que finda em uma tristeza de não ter feito mais, não ter vivido mais, quando podia. Hoje vivo em Natal, num exílio artístico voluntário, não sem dores, pois me isolando daqueles que fazem e promovem cultura e poesia, termino

por ver as oportunidades passando e meu trabalho não sendo conhecido e avaliado. Não formalmente.

Faço parte da Imperial Casa Editora da Casqueira, criada pelo poeta Benito Barros, ainda é um grupo de poetas macauenses para publicação de livros, mas não tem um formato de associação. Meu desejo é que as pessoas tivessem acesso ao que escrevo. E se essas pessoas gostarem, que compartilhem. E, se por acaso, pudesse despertar o interesse de um único leitor para que escrevesse também, já me daria por satisfeito.

Poesias de João Vicente

ALUADO

Quando a noite está nua
Me deito à sombra da lua
E choro, choro... e rio...

Nas noites de fome e frio
A lua cheia me lembra
Um prato branco... e vazio.
(VICENTE, 1998, p. 28)

DORES DE PRIMAVERA

Quando chega a primavera
Lembro os beijos que não dera.
Nos jardins, os beija-flores.

Porque chega a primavera,
No jardim de minhas dores
Tua lembrança beija flores.

(VICENTE, 1998, p. 50)

FOLHA SECA

Sobre a sombra do passado
Passava a cisma do dia.
Meu olhar, que então cismava,
Olhava mais do que via.

E via o vento que vinha
Varrendo os vales,
As vilas, as vias...
As folhas do mangue mexendo...

(porquẽnãomexomeus dias,
nemvarromeus sentimentos?)

Sobre essa sombra sombria,
Que sempre sobra do dia,
A cisma me ensimesmava,
Mexendo em quem não mexia.
Longe o vento assoviava:
Mexendo no que tocava...
Varrendo tudo que via.

E assim como via o vento...
O vento me comovia.

(VICENTE, 1998, p. 54)

LEILA ÁDNA



Nome completo	Leila Ádna Rodrigues Martins
Nascimento	10/08
Naturalidade	Açu/RN
Formação	Pedagogia
Profissão	Professora
Livros publicados	Fênix: um recomeço (2008).

Na minha infância, fui cercada por professores. Entre elas, minha tia e minhas primas, que vieram para Macau quando eu era criança. Morava na cidade de Carnaubais, por isso elas ficaram muito preocupadas com os meus estudos e convenceram a minha mãe para que eu fosse morar em Macau, na casa da minha tia. Nesse cenário conheci as histórias ficcionais que elas me apresentaram. Iniciava o meu gosto pela leitura, e o que mais me atraía eram os romances. Encantava-me as histórias com mistério e gostava de Nicholas Sparks, narrativas mais românticas.

Fui convidada a trabalhar na Escola Ressurreição, em que minha prima era diretora. Nessa época, iniciei o trabalho na coordenação, com a coordenadora Celeste, que também gosta muito de leitura. Cada livro que lia, cutucava-me “Leila, esse livrinho aqui é bom, legal, dê uma olhadinha”. Com esses estímulos, fui aprofundando o gosto pela leitura e isso me levou a trabalhar na biblioteca daquela escola.

Nesse contexto de leitura, comecei a digitar uma narrativa no computador. Já tinha muitas histórias e poemas em um caderno guardado, mas ocultava-os. Quando cheguei ao final da história, entreguei-a a Jamilly, uma colega professora de Língua Portuguesa. Ela iniciou a leitura e se empolgou,

até que o sinal tocou e nem percebeu. Quando terminou a leitura, pediu que eu publicasse aquela história.

O diretor da Escola Ressurreição, Dr. Marc, é o meu sogro. Nessa época, eu estava separada do meu atual esposo, e fiquei com vergonha de mostrar meu futuro livro a Dr. Marc, mas fui incentivada por Jamile e entreguei uma cópia a ele. Além disso, fiz mais duas cópias e entreguei-as para uma psicóloga e para uma jornalista que trabalhavam na escola. Fiquei naquela expectativa, porque não acreditava que a publicação iria se concretizar.

Ele garantiu para mim que iria ler a história que escrevi, mas eu entendia que era muito ocupado, pois além de proprietário da escola, é advogado e médico. Entretanto uma semana depois, pediu que eu providenciasse a capa, porque iria publicar meu livro. Agradei a oportunidade, e ele respondeu que ficou muito empolgado com a leitura, que era uma história simples sobre um romance de adolescentes, mas tinha suspense e cativava a leitura, por isso deveria estar na biblioteca para outras pessoas lerem.

Algumas pessoas publicaram livros em Macau porque Dr. Marc é um incentivador da educação. Com essa publicação, realizou um sonho meu. Responsabilizou-se por todos os custos gráficos e não quis receber nenhum valor correspondente à venda do livro. Não é um enredo grandioso, pois se trata de uma leitura voltada aos adolescentes. As alunas de terceiro, quarto e quinto ano o leem, porque não há nenhuma inadequação, na linguagem ou no enredo, que impeça o acesso a essa faixa etária.

Eu tenho outras histórias que pretendo fazer e já coloquei até em prática em uma narrativa cujos personagens são adultos. Infelizmente formataram o computador onde estava o arquivo, por isso perdi tudo. Daniel Násser me incentiva a escrever novamente, mas falta eu dar o primeiro passo. Quando me perguntam como iniciei meu processo de escrita, respondo que esse primeiro passo é fundamental para que surjam novas ideias, e o enredo nos estimula a continuar. Foi assim que entrei nesse universo literário.

O meu livro é uma criação, com pitadas de vivências pessoais. Gabriela, a protagonista, tem alguns traços da minha personalidade. Além disso, alguns sonhos que tive foram projetados na história. Na narrativa que perdi, contei a história de uma fotógrafa, inspirada em sonhos. Outro aspecto interessante é que algumas leitoras se identificam com Gabriela. O título do livro, Fênix, aquela que ressurgue das cinzas, apresenta relação com a história de superação da protagonista. Eu o coloquei quando encerrei a história, que ilustra um recomeço.

Leio muito Sidney Sheldon e Agatha Christie, porque gosto de enredos dramáticos e de mistério. Em fênix, há muitos mistérios. Macau, de certa forma, está representada no cenário do romance, por exemplo, a escola e outros pontos, os quais têm algum traço do ambiente macauense. Algumas leitoras relatam que sentem a presença dessa cidade no enredo. Apesar dessas marcas da realidade, a maior parte do enredo é criação, embora alguém suponha que é uma narrativa biográfica. Uma vez uma garota de 12 anos ficou muito emocionada, porque leu a história e teve a impressão

de que eu, a autora, teria vivido as experiências infelizes da protagonista. Sou uma pessoa otimista e gosto de passar isso para todo mundo. Tenho a convicção de que devemos valorizar as experiências positivas, por isso não fico batendo na tecla do negativismo.

Incentivo muito a escrita. Nós, mulheres, por mais que queiramos e nos esforcemos para evoluir, estamos conseguindo muita coisa, mas ainda temos esse tabu de que a mulher sente determinados receios, que ainda estamos tentando superar. Eu não gosto de me intitular como escritora, eu escrevi porque veio a inspiração, e a criatividade faz parte da vida das pessoas. Cada um tem um lado, e eu gostava muito de arte, por isso a minha escrita é uma forma de expressar a arte que existe dentro de mim.

Fui um pouco de tudo. Sou professora de dança no Ensino Infantil e no Ensino Fundamental. Já trabalhei na biblioteca, já atuei em diversos espaços. Criei dois personagens para fazer contação de histórias, e uma delas era a gatinha Lead. Caracterizava-me como uma gata e levava as turmas para um cenário com almofadas, com um título na parede “Era uma Vez”. Colocava muitos livros e contava uma história de forma envolvente, usando uma máscara para não ser reconhecida como Leila, mas eles diziam “tia você é muito parecida com aquela gatinha que vem contar história”. Eu me divertia com isso, dizendo que era uma irmã que vinha de outro universo.

Tudo para assegurar a magia para as crianças. Passei um tempo com essa personagem, depois veio Pink Yellow, que se vestia de amarelo para contar histórias. Essa energia

que eu tenho dentro de mim, por ser metida, gostar de me envolver em tudo, isso é o que me motiva, essa necessidade que tenho de expor e fazer as coisas que gosto, mesmo que alguém não goste. Nasce aqui dentro uma arte e quero expressá-la para o mundo.

Sinto-me feliz em saber que as pessoas que leram Fênix gostaram muito, comentam coisas boas. Não tenho pretensão de algo grandioso, só quero expor as coisas de que eu gosto para chegar até as pessoas. Por isso não tenho expectativas de ser reconhecida mundialmente ou nacionalmente.

Prosa ficcional de Leila Ádna

[...] Logo à frente tinha uma curva, a estrada estava escura, mal podíamos enxergar direito. A não ser até onde as luzes dos refletores conseguiam alcançar. Foi nessa curva que Andréa perdeu o controle, quando tentou nos ultrapassar, só conseguimos ver o zig-zag do carro e o grito de pavor de Fábio, pois a Lívia Freou um pouco e vimos quando a moto dele parou um pouco mais à frente do carro que estávamos. Ele desceu e eu desci em seguida, a Lívia não conseguia soltar as mãos do volante, mesmo o carro estando parado. O carro de Andréa caiu no mar, ficamos desesperados. Eu não conseguia fazer nada, gritávamos bastante por ela, na esperança dela ter se jogado antes do carro cair. Finalmente o Fábio conseguiu ligar pedindo socorro. Ficamos ali esperando um tempo pelo resgate. Ligamos para nossas famílias, eles vieram ao nosso encontro. Essa noite foi muito longa, tivemos que prestar depoimentos na polícia, fomos também

para o hospital com a mãe de Livia que passou mal e de madrugada, quando estávamos saindo do hospital, chega Ricardo e Daniel. Fiquei ali parada sem ação, pois depois de tudo que houve não sabia como ele iria reagir diante de meu gesto. Ele me abraçou e disse:

– Meu Deus, o que aconteceu?

(ÁDNA, 2008, p. 96-97).

MÁRCIO MAIA



Nome completo	Márcio Cristiano Maia de Andrade
Nascimento	27/12/1977
Naturalidade	Macau/RN
Formação	Letras (Língua e Literatura Inglesa)
Profissão	Professor
Cordéis publicados	O destemido Ben e as Tarefas do Terror (1998); A traígoeira Face do Mal (1998); O Preço de uma Promessa (2001); A História de Macau em Cordel (2016).

Atualmente observamos muito a questão da modernidade e seu impacto na vida das crianças. Vemo-las com *tablet*, celular, em frente à TV, nos jogos. Muito diferente de quando eu era criança, pois não possuíamos equipamentos eletrônicos.

A minha mãe Francisca das Chagas, uma admiradora do cordel, comprava cordéis em uma banca de uma senhora feirante, no Mercado Público Municipal de Macau. Na minha infância tínhamos caixas lotadas de folhetos, e como não possuíamos TV, o nosso passatempo era ler. Nossa mãe lia para que nós dormíssemos, e esses cordéis eram escritos em sextilha, que é o estilo que sigo nas minhas produções. Foi justamente desse hábito que despertou o desejo de escrever.

Na minha adolescência não havia mais novos títulos de cordel à venda em Macau, pois já tínhamos comprado todos os disponíveis. Dessa forma tive um ímpeto, quase por brincadeira, de produzir um cordel. Surgia minha primeira história: *O destemido Ben e as tarefas do terror* (2008); na sequência, produzi *A traiçoeira Face do Mal* (1998); e *O Preço de uma Promessa* (2001). Todos três seguiram a linha da literatura fantástica, e um jovem que não conhece o cordel acharia o enredo parecido com RPG.

Minha quarta produção se distingue das anteriores, pois foi um trabalho que recebemos por ocasião de um evento

que ocorreu em 2016. O Monsenhor Lucas, que foi pároco na década de 1970 em Macau, fez um percurso em todas as paróquias, onde havia sido padre. A prefeitura, para receber o grupo religioso, fez uma recepção cultural, e, todos reunidos, fizemos um trabalho junto à população da barraquinha da praia e dos hotéis. Para esse evento, prepararam *folders*, materiais, entre outras providências. Minha colaboração foi produzir a história de Macau em cordel.

Em História de Macau em Cordel (2016), elegi os pontos que aquele grupo visitaria: a Matriz (onde o Monsenhor Lucas celebraria a missa); a Praça da Conceição; o obelisco (o porquê de sua origem); e o museu. Narrei, nesse trabalho, a história da cidade, a origem desse nome, destacando a lenda e as informações do pesquisador Câmara Cascudo.

Para mim foi um desafio, porque eu saí da minha zona de conforto, da literatura fantástica, imaginativa, de reis, dragões, para uma pesquisa histórica, toda em sextilha. Esse cordel fazia parte do brinde que eles receberam. Fizemos um *tour* com eles pelo município, contando-lhes a história de cada lugar histórico. Fomos à praia e apresentamos as salinas, e, em seguida, eles foram à missa e para a recepção cultural no Lions Club. Foi um grande evento, tanto que eles não queriam ir embora.

Eu sempre gostei de ler e já lia antes de ir para a primeira série. Quando cheguei à escola, era tido como “desarnado”. Como eu gostava de livros estrangeiros, além dos nacionais, ainda criança já pensava no curso de Letras e consegui realizar esse desejo. Li muita poesia e ficção de um modo geral e participei também do II Concurso Macauense

de Poesia (2001), em que fui o primeiro colocado. Estudei a educação básica toda em Macau, porém minha formação em Letras foi em Açú.

Quando eu já estava trabalhando na Prefeitura Municipal de Macau, surgiu a oportunidade para publicar meu primeiro cordel. Um colega da área cultural incentivou-me nesse sentido. Havia aqui em Macau, em 1998, um projeto cultural da prefeitura, chamado Intervenção Cultural. Coincidentemente eu trabalhava na Ação Cultural, que era uma subsecretaria ligada à Secretaria da Educação. Esse projeto consistia em seis dias consecutivos de movimentação cultural na cidade. Tivemos três intervenções, em que tivemos lançamentos de obras dos autores da cidade. Eu estava entre eles.

Tenho ainda textos inéditos para futura publicação, que também estão circunscritos no âmbito da literatura fantástica.

Muitos pensam na literatura de cordel como cultura das gerações passadas, no entanto os jovens gostam muito de ouvir e produzir cordel. Recentemente eu estive em uma escola, a pedido do professor Vando, que também é cordelista. Ele me pediu para ministrar uma palestra com os alunos do 5º ano e posteriormente do 4º ano (Ensino Fundamental). Fizemos a interação, e eles produziram cordel oralmente. Mostrei uma quadra do cordel bastante conhecida: “batatinha quando nasce, se esparrama pelo chão, menina quando dorme, põe a mão no coração”. Expus o que era uma quadra, uma das formas cordelista. Expliquei que trabalho com sextilhas, mas que há outras formas, como os heptassílabos em sétimas. Há também o martelo, martelo alagoano, coco, a

embolada (essas últimas são formas da oralidade que podem ser registradas por escrito).

Também incentivei meus alunos para essa literatura, pois sou professor de Língua Inglesa. Levei o cordel para ensinar essa língua em sala de aula, e o conteúdo gramatical eram os adjetivos e pronomes possessivos. Quando trabalhamos com ritmo, as crianças gostam e se dedicam mais à aprendizagem. No momento, estou trabalhando no CRAS e não estou em sala de aula, mas atuo como monitor de karatê, em que sou faixa preta, nessa instituição.

Alguns autores de que gosto influenciaram de certa forma meu processo de escrita, especialmente, Manuel de Almeida Filho, cordelista de Aracaju. No entanto a maioria dos livros da minha biblioteca são de idiomas, porque além de ser professor de Língua Inglesa, leciono também Língua Francesa e Espanhola. No tocante à poesia, tenho livros de Florbela Espanca, poetisa que atingiu a perfeição. Da mesma forma aprecio Machado de Assis, embora eu nunca tenha escrito em prosa ficcional. Iniciei um livro sobre literatura de cordel, mas nunca cheguei a completar. Já em relação à música, gosto muito do estilo de anos 1980, internacional, francesa, italiana, pop.

Em Macau, temos a AMLA, mas não faço parte dela. Penso que seria importante uma academia de cordel, pois já temos material e produtores. Na Cohab, temos também Tião Maia, que é cordelista. Esse contato dos jovens com os autores tem um papel fundamental que é estimular a escrita. Nesse sentido, a academia pode colaborar com uma cultura escrita local.

Em maio de 2004, a Preá, revista de cultura da Fundação José Augusto, dedicou uma página para a publicação de minha biografia. A equipe dessa revista veio a Macau para fazer uma reportagem e teve esse diálogo comigo e com Seu João de Aquino, que já é falecido. Penso que deveria haver um programa nas escolas para divulgar mais a produção literária dos autores macauenses. Há muita produção em diversos gêneros, mas falta visibilidade, além disso é necessário mais incentivo à publicação, porque isso tem um custo. Eu mesmo não imaginava lançar um cordel, mas foram 500 exemplares entregues a leitores (primeiro cordel).

É imprescindível que o jovem tenha contato com a literatura e com os autores, porque isso pode despertar o processo de escrita. Ajuda a definir o estilo e o gênero textual. Não sei se é o leitor que escolhe o autor, ou se é o contrário, mas a nossa escrita terá a inspiração de um autor específico. Depois essa escrita atinge uma maturidade e estilo próprio, mas inicialmente observamos um modelo. O projeto História de Vida de Poetas e Escritores Macauenses possibilita essa visibilidade, porque divulga o nosso trabalho para a comunidade macauense, cuja terra é muito profícua culturalmente - na literatura, na música (compositores e intérpretes), artes plásticas, entre outras. Herbert Martins, por exemplo, fez as capas dos meus três primeiros cordéis.

Cordel de Márcio Maia

O DESTEMIDO BEN A AS TAREFAS DO TERROR (Primeiras estrofes)

Oh! Musas da poesia
Que me ouvem nesse instante
Dai-me a inspiração certa
Do Olimpo equidistante
Que eu vou narrar agora
Uma estória desconcertante.

Há muito tempo passado
No reinado de Haikabô
Um rei tinha uma filha
De grande beleza e valor
Sendo ela o motivo
Da narração que agora dou.

Era uma formosura
Uma deusa sem igual
O rei lhe queria muito bem
E lhe protegia do mal
Eis que era uma semideusa
Pros olhos de um mortal.

Cresceu na riqueza
Entre ouro, prata e rubi;
Para toda a realeza
Era um anjo de jasmim,
Nunca soube o que era pobreza,
Nenhuma dor veio a sentir.

Ela estava crescendo
E a formosura mais e mais
Todo rapaz a cortejava
Onde ela ia, eles iam atrás
Era a perfeição em pessoa
De frente ou por trás.

Ao completar 18 anos
O reino veio a comemorar
Foram 10 dias de festa
Sem em um só momento parar
Com discursos de doutores
Para a jovem homenagear.

Nessa citada festa
O rei pôde compreender
Que era preciso bolar um plano
Pra no futuro escolher
O jovem felizardo
Que a mão dela iria ter.

Então, no décimo dia da festa,
Ele proclamou um edital
Onde estavam as regras
Que regiam o matrimonial
Foi um alvoroço na multidão
Sem precedente igual.

No documento dizia
Para todo mundo ler,
Que para desposá-la
Teria que se sofrer,
Pois oito tarefas árduas
Deveria se vencer.

As sete primeiras estavam escritas
No presente edital
A oitava era surpresa
Um segredo imperial
Só quem sabia era o rei
E a corte sapiencial.

A primeira era dura
Nada fácil de se vencer
Faria qualquer pessoa
Pra muito longe correr
Pois era quase certo
A vida se perder.

Ela obrigava o pretendente
A um outro reino viajar
Vencer toda espécie de criatura
E depois retornar
Com um arco e flecha dourados
Para ao rei os entregar.

O arco e flecha eram mágicos
Feitos de um ouro especial
Vieram de um meteoro
Um corpo celestial
Eram protegidos por deuses
Pra que ninguém lhe fizesse mal.

A segunda tarefa
Era uma loucura tresloucada:
Tinha que lutar e vencer
Uma fera envenenada,
A criação de um deus
Pra impressionar a sua amada.

Por terceiro ainda tinha
O monstro do medalhão:
Uma criatura horrível
Preta como o carvão
Protegido pela magia
Do talismã de Salomão.

A quarta era pesada,
Difícil de se passar,
Pois com uma bruxa perversa
Era preciso guerrear
Descobrir o seu mistério
E vivo regressar.

Mais ainda vinha a quinta
No Reino de Naifantim
Onde pra provar a coragem
E sem fazer nenhum pantim
Tinha que quebrar uma maldição
Ou encontrava-se o fim.

A sexta era dureza
Pois precisava se conquistar
A confiança de uma fada
E depois subjugar
O pássaro de Delfos
E para o rei o levar.

(MAIA, 1998, p. 5-8)

RIBAMAR FILHO



Nome completo	José Ribamar da Silva Filho
Nascimento	13/08/1967
Naturalidade	Macau/RN
Formação	Mestre em Letras
Profissão	Professor
Cordéis publicados	Insigth (2012)

Desde muito jovem, ainda como aluno, eu sempre tive uma curiosidade pela leitura de textos, e isso foi algo inerente a minha pessoa. Na época em que comecei a estudar, enfrentei algumas dificuldades, pois na verdade nós não tínhamos essa tecnologia de hoje, essa facilidade, essa expansão do acesso à leitura. Hoje estou com 51 anos e posso afirmar isso. Alguns textos foram marcantes na minha vida enquanto leitor, enquanto aluno que esteve em contato com a escrita e a leitura. Uma das minhas experiências que me marcou foi quando me pediram para ler um texto e eu passei por um vexame. Isso me fez despertar para uma leitura mais cuidadosa.

Esse constrangimento ocorreu quando fui ler um texto e havia nele a palavra “povos” e eu pronunciei “povos”. Por causa disso, sofri a crítica de uma pessoa e foi marcante. No entanto foi positivo, pois eu descobri a questão do plural metafônico das palavras e a partir desse momento eu pude dar a volta por cima. Hoje eu me regozijo com essa experiência que despertou meu interesse pela gramática e sua norma-padrão.

Sempre gostei de recitar, de ler, de declamar. Essa aprendizagem é uma conquista e é algo fantástico na minha vida, pois no início tive dificuldade para escrever. Com o tempo, desenvolvi o hábito de sempre consultar o dicionário,

que é um instrumento que valorizo. Vejo-o como algo de muito valor, porque enriquece nosso repertório vocabular. Atualmente dificilmente erro uma palavra na questão da variante padrão porque nunca escrevo ou reproduzo essa palavra em dúvida. Caso tenha dúvida, recorro ao dicionário.

Quando despertei meu lado poético-literário, os versos em minha vida fluíam naturalmente. No entanto eram versos um tanto simplórios, simplistas. Ingressei na universidade, no ano de 1988, no curso de letras da UFRN através do Centro Regional do Ensino Superior de Macau (CRESM), onde tive bons professores. Vivi uma formação parnasiana e sofri um pouco por isso. Inicialmente via a poesia como algo divino e essa formação parnasiana influenciou muito a minha vida, positivamente de um lado, pois passei a dar um valor a produção poética e literária. Por outro lado, também me trouxe um aspecto negativo, porque, nessa visão parnasiana, eu não valorizava cordel. Sob o prisma do Parnasianismo, a linguagem poética tinha que ter toda aquela metrificacão. Essa visão permaneceu por muito tempo na minha vida acadêmica quanto estudante e quanto professor. Eu me tornei um professor que acreditava que o correto era essa orientacão.

Vivi uma experiência em que fiz minha dissertacão de mestrado intitulada “Caminhos entre jovens e versos: estratégias metodológicas para o ensino de poesia para adolescentes”. Esse título se deu a partir de uma experiência com o poema de Carlos Drummond de Andrade, Uma Pedra no Meio do Caminho, e essa pedra, no sentido metafórico, foi o divisor de águas do meu magistério, porque dentro da visão parnasiana, achava que eu deveria fazer a seleçã dos

poemas e textos que iria trabalhar com meus alunos e não os ouvia, não os deixava opinar e não me interessava saber os interesses deles.

Quando resolvi trabalhar aquele poema de Carlos Drummond de Andrade no Ensino Fundamental, com uma turma da escola José Olavo do Vale, acreditei ter preparado uma aula perfeita. No entanto um aluno falou: professor, que besteiro é esse?! Essa Vivência me marcou profundamente. O aluno usou o neologismo da palavra besteiro para me confrontar e, naquele instante, irritei-me, pois tinha feito todo um planejamento, achando que era uma aula show, mas depois entendi que aquela exposição do aluno, aquela denúncia que ele fez na frente de todos iria servir de reflexão para fazer um planejamento, uma reavaliação da aula que tinha preparado. Com o tempo compreendi que eu estava sendo uma pedra no meio do caminho pela metodologia ríspida e não flexível, sem atentar para os interesses dos alunos, sem considerar as leituras prévias, e isso provocou o meu ingresso no mestrado.

A vontade de escrever poemas eu atribuo ao dom que acredito ter dentro de mim. Sendo algo subjetivo, algo pessoal. Tenho uma afinidade, uma sensibilidade muito grande para essa questão da arte da literatura. Se diz que os nossos jovens e alunos não leem, mas eles leem. Muitas das vezes não são aquelas leituras como nós desejamos como professor, aqueles clássicos, romances. Olhando pelo retrovisor do tempo, podemos ver que não havia esse acervo tão rico. Quando ingressei na universidade, tive bons professores, destacando

a professora Maria do Rosário Guerra que me marcou na parte da literatura brasileira.

A publicação do meu livro foi um projeto que nasceu na Escola Ressurreição, onde teve a participação de alguns alunos da época. O diretor da Escola Ressurreição, Dr. Marc, deu muita força e ajudou na publicação do livro. Dessa forma foi o responsável por eu ter entrado na AMLA, porque ter publicado um livro era um dos requisitos para fazer parte da academia, pois não esperava, mas aceitei o desafio. Sinto-me bem aceito no grupo porque sou reconhecido pela minha produção poética. Além dessa produção, já fiz alguns artigos para a comunidade evangélica da Igreja Assembleia de Deus, da qual faço parte, e sempre que há eventos, faço alguns textos. Devido à produção desses artigos, fiquei conhecido como o cronista.

Nasci em Macau no dia 13 de agosto de 1967, sou filho desta terra maravilhosa (Macau). Passei a minha infância em Natal e lá estudei o Ensino Fundamental, e iniciei o Ensino Médio, mas retornei em janeiro de 1983 para Macau, com apenas 15 anos de idade. Concluí o Ensino Médio na Escola Estadual Professor José Olavo do Vale e, ao terminar, fiz Contabilidade no Centro de Educação Integrada Monsenhor Honório. Lecionei em várias escolas e trabalhava simultaneamente em empresas privadas. No entanto nunca desejei ter dedicação exclusiva a educação.

Sempre fui muito dedicado, procurando dar o melhor de mim enquanto professor, para os alunos e à educação. Nessa empolgação toda que vivemos, passei a sentir o desejo de crescer profissionalmente e expandir meus conhecimentos.

Atualmente posso dizer que não me arrependo de ser professor, sinto-me honrado e, se tivesse a oportunidade de voltar atrás e escolher outra profissão, minha escolha seria a mesma. Como profissional da educação, meu maior desafio não é em relação ao domínio de conteúdo, pois posso dizer modestamente que tenho o conhecimento internalizado em relação à parte de produção de texto e de gramática, tornando mais fácil minha atividade.

A dificuldade que sinto diz respeito à necessidade de envolver os alunos, despertando seu interesse. Com a visão de mundo e com o amadurecimento que conquistei, sei que há caminhos metodológicos estratégicos para criar aulas interessantes e motivadoras. Ainda existe um entrave muito forte, que infelizmente se percebe especialmente nas escolas públicas, onde há uma precariedade significativa no que diz respeito à infraestrutura. Isso impede que se oferte um ambiente de qualidade para que o aluno se sinta motivado, refletindo negativamente nas aulas. Muitas vezes se pensa em fazer um trabalho interessante e muitos alunos não têm acesso à internet, nem a escola promove esse acesso.

Valorizo o conhecimento e a maturidade profissional, que estão acima do aspecto financeiro. O mais importante não é ter um nome, mas se sentir um professor mediador, que participa da construção e da formação de vidas.

Poesias de Ribamar Filho

SÍMBOLO DE MACAU

Moinho do vento
Que relembra evento
Que marca os tempos
E que supera os contratempos

Moinho do vento
De sonho e pensamento
Amigo de luas e poesias
E companheiro dos meus dias

Moinho do vento
De ar livre e solto
De alma pura como o sal
Ícone de minha querida terra natal

Moinho do vento
Livre do pífio lamento
De branco e azul misto
Como é tão benquisto

Moinho do vento
Feito de empoderamento
Amo a sua amada cor
Que vibra de puro amor

Moinho do vento
Cheio de grande talento
Fica, aqui, meus reconhecimentos
E os seus dignos merecimentos

À AMADA MACAU

Meu verso, Macau
Tem o sabor do sal
Sou de sangue salgado
E, por ti, bem amado

Meu verso, Macau
Tem o sabor do sal
Independente de cor partidária
E, tampouco, de razão imaginária

Meu verso, Macau
Tem o sabor do sal
E por ser temperado
Sempre caminhas ao meu lado

Meu verso, Macau
Tem o sabor do sal
Na região és majoritária
E não vives solitária

Meu verso, Macau
Tem o sabor do sal
Como és terra de poetas e cantores
Soube ser um dos teus sonhadores

Meu verso, Macau
Tem o sabor do sal
Cada detalhe do teu lugar
Existe um motivo para te amar

Meu verso, Macau
Tem o sabor do sal
És sonho de sol, sal e maresia
E inspiração de minha poesia

A SETE CHAVES...

Sou rubra
Na cor
Do amor

Sou penumbra
Na imaginação
E no coração

E que nada descubra
A luz que me alumbra
E plena se deslumbra...

TIÃO MAIA



Nome completo Sebastião Alves Maia
Nascimento 28/08/1958
Naturalidade Macau/RN
Formação Artes Cênicas/Pedagogia
Profissão Professor
Livro publicado Chave do Sexo (2012).

Nasci em 28 de agosto de 1958, sou virginiano com ascendente em leão. Sou filho de um relacionamento extraconjugal de meu pai. Naquela época era comum os homens terem amantes sustentadas por eles. Fui criado por minha mãe afetiva, que é a esposa de meu pai. A minha mãe biológica teve vários filhos, foi uma mulher guerreira que batalhou muito e hoje alguns deles são graduados, outros não conheci.

Então nasci no Beco das Galinhas, e quando terminou o namoro deles, meu pai me levou para a sua casa. Retornaram o relacionamento, e eu visitava minha mãe biológica. Tenho uma memória que está registrada nos meus escritos. Quando eu tinha quatro anos, minha mãe me pegou pela mão e me levou para o Beco das Galinhas, então chegamos na porta de uma casa, que tinha uma bodeguinha, uma mesa e umas pessoas bebendo. Naquele dia, ela me apresentou subitamente minha mãe biológica: Maria do Bar. Sob uma cortina, surgiu um galeguinho de cabelos cacheados, que era meu irmão. Apesar do susto, tivemos uma convivência fantástica. Meu pai gostava da curtição e era um *bon vivant*. Tinha filho por toda parte, por isso nós pedíamos: papai, faça uma lista dessas pessoas para sabermos quem são nossos irmãos.

As histórias das minhas mães têm algumas curiosidades. Minha mãe afetiva morava na Ilha de Santana e meu

pai, quando vinha do Ceará nos anos 1940, ficava hospedado na casa do pai dela. Naquele momento, meu pai era noivo da irmã dela, que foi embora com um amigo e hóspede dele. Na ocasião, meu avô sugeriu que pai ficasse com a irmã, que tinha 22 anos, da noiva que o abandonou. Já minha mãe biológica, minha avó mandara espancá-la, e, após um golpe na cabeça, caiu no Rio Açu, em Jucurutu, mas escapou, caminhou até São Rafael e, depois, até João Câmara. Lá, casou e teve seus dois primeiros filhos. Ao chegar em Macau, instalou um bar e se tornou Maria do Bar, a mulher mais bonita que já vi na minha vida. As pessoas imaginavam que era prostituta, mas não o era, apenas tinha seus amantes, como ela dizia: “prefiro vender a cama a vender o corpo”. Vejo-a como uma mulher muito batalhadora.

Eu me lembro que fui para a Escola Estadual Duque de Caxias, que à época era grupo escolar. Eu tinha oito anos e cheguei alfabetizado, por isso já entrei no quarto ano primário. Fui fazendo os testes e passando de um ano para o outro até chegar naquele nível. Estudei em escolas particulares muito ligadas à literatura popular, a literatura de cordel. Silvia Coutinho foi minha professora e alfabetizava as crianças, lendo muita literatura de cordel. Foi esse referencial inicial que tive na leitura.

Macau tinha uma biblioteca pública muito boa, a Biblioteca Rui Barbosa, cujas estantes tinham seis metros de altura, onde eu devorava livros enormes como os dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Vermelho entre outros. Não há mais essa biblioteca atualmente, pois ela foi incendiada. Meu contato inicial com a literatura foi esse.

Minha família era muito pobre, pois meu pai, à época, ainda não era estivador. Minha mãe sempre comprava literatura de cordel. Naquele tempo, as pessoas iam sempre ao mercado comprar os mantimentos de cada refeição, porque não faziam compras de uma só vez, como ocorre hoje. Dessa forma, no meu livro *Chave de Sexo e Outros Contos*, narrei esses episódios ambientados na região de Macau. Outro aspecto que me ajudou muito foi a leitura em voz alta, e a minha experiência no Curso de Teatro na UFRN foi muito importante. Enquanto os meus colegas estavam inibidos, sentia-me desinibido porque a leitura provoca todas as formas de expressão, oral ou não.

Tenho um conto em que humanizei personagens animais: o casamento da Maria Farinha com o Siri. Em Macau, quando a maré está seca, vem uma revoada de passarinhos, todos juntinhos. Aproveitei essa imagem para representar a chegada dos maçaricos no casamento, além de outras referências como o sotaque do Pe. Penha, que inseri na caracterização do padre personagem do conto; o espaço do Lyons Clube; entre outros.

Quando eu já estava no ginásio, a professora Cacilda começou a trabalhar com leitura e produção de textos. Foi nesse momento que conheci a canção *Viagem*, de Paulo César Pinheiro. Recentemente soube que essa foi a primeira música que ele criou e que, posteriormente, foi gravada por vários artistas. Outros elementos, como a poesia, foram construindo a minha formação de leitor.

Depois fui estudar no IFRN, então denominado ETFERN. Na ocasião, fui o único aluno que passou. Naquela

instituição, participei do coral com a Professora Lourdes Guilherme, com Padre Pedro, Breno Maciel, Gilson. Participei também do Ateliê de Artes Plásticas. Colaborei também com a plantaçoão do jardim da instituição, que recebeu o nome do professor idealizador do projeto de jardinagem, que cuidava das plantas. Trinta anos depois, ele atirou em si mesmo embaixo de uma das árvores. Representava engenhos em suas pinturas e era um expressionista.

A partir desse momento, eu iniciei a compor e a elaborar poemas. Era o final da minha adolescência, quando eu tinha uns 17 anos, morava no Bairro Cidade e me deslocava caminhando. De lá, fazia caminhadas até o Aeroclube e, muitas vezes, deslocava-me assim para a Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFERN). Não queria fazer Mineração nem Geologia, fui obrigado pelo meu pai, para trabalhar na fábrica. Eu tenho 60 anos e essa fábrica nunca funcionou. Essa permanência em Natal nos anos 1970 foi muito importante, pois era tudo muito simples mas tinha uma vivência cultural que era restrita ao centro da cidade. Ninguém se deslocava para a Zona Norte, Potilândia, Mirassol, porque achávamos muito longe. Hoje é o contrário, ninguém quer morar no centro da cidade porque criou-se um clima de violência e abandono.

Durante meus estudos na escola técnica, realizamos uma colagem com cartolinas fixadas nos corredores da escola. Bezerril era inspetor de segurança e adorava a leitura e quando colocávamos os cartazes, ele lia tudo. Quando terminei o Curso Técnico de Geologia, fui fazer o vestibular e, graças a Deus, não passei para Geologia (nível superior)

e fui embora para o Sul (Rio de Janeiro, São paulo), onde morei durante dez anos.

Escrevo poesia e conto. Além disso, meus trabalhos acadêmicos estão todos prontos: organizei todos os meus estágios do Curso de Letras e de Pedagogia para publicá-los; organizei também uma publicação do Curso de Teologia. Fiz quatro cursos, os que já citei e Letras Artes Cênicas. Eu só tenho um livro publicado, que é chamado Chave de Sexo e Outros Contos, em 2012, cuja inspiração veio de uma narrativa grega sobre Atena e Esparta em que os homens viviam guerreando, e as mulheres iam lavar roupa e se conheciam nessa ocasião. Então uma delas disse: a partir de hoje, chave de sexo para eles, nem aqui nem lá. Foi uma confusão muito grande, e essa estratégia acabou com a guerra entre as duas cidades. A partir dessa ideia eu criei a história de dois vizinhos que brigavam sem parar, a vizinhança chamava até a polícia para resolver a situação. As esposas eram duas comadres e, como as mulheres atenienses e espartanas, usaram a estratégia chave de sexo.

Ainda tenho três livros de poesia que não estão publicados: Solidez do Âmbar¹, Renegado, e Minhas Angústias. Este último é sobre política. Tenho mais um livro de contos, que tem uma influência de Clarice Lispector. Continuo sempre escrevendo, mas atualmente estou escrevendo a tese de doutorado. Já tenho quatro monografias que correspondem a quatro especializações. Tenho Mestrado em Ciência da Educação e o doutorado segue a mesma linha, pela UFRN.

1 Essa entrevista ocorreu em 2019. Em 2021, Tião Maia publicou este livro – Solidão do Âmbar.

Quando eu passei a ser professor, a minha relação com a escrita na escola foi intensificada. Eu tenho vários livros publicados pelos alunos, a partir de concursos. Eu tinha uma aluna que era muito rebelde. Ela fez uma poesia para participar de um concurso na Escola Estadual Maria de Lourdes e entregou-me um papel em branco. Perguntei qual era o nome do poema, e ela disse: O Invisível. Esse poema ficou em primeiro lugar e faz parte de um livro. Na Escola Olavo do Vale, nós temos duas revistas de poesia. Tanto esse livro de poesia quanto essas revistas estão em forma de boneca. Já na Escola Municipal Maura Bezerra de Medeiros, nós fizemos Poesias de Pernas para o Ar, um livro que foi publicado e está disponível na escola. Atualmente, estou como técnico na Secretaria Municipal de Educação.

Sou professor há 22 anos, do município e do Estado, mas a docência me acompanha desde 1982, quando eu terminei o IFRN e dava aulas de Matemática. Depois disso, viajei para o Rio de Janeiro, onde vivi muitas experiências. À época, era o governo de Leonel Brizola, e eu fui membro da Executiva Nacional da Juventude Socialista do PDT. Foi uma experiência de que tenho muito orgulho por duas razões: primeiro porque me identificava muito; segundo porque fui o primeiro do nosso estado a representar na Executiva Nacional, motivo que me fez residir no Rio de Janeiro. Depois que terminei o mandato de dois anos, estava estabilizado e continuei morando lá.

Nesse tempo em que estive na Região Sudeste, participei de dois concursos. Um deles foi pela Showroom Artes, com poesias para publicação de um livro. O outro foi com

música, na parte da elaboração da letra, pois eu sou letrista. O poeta é diferente do letrista, porque há alguns elementos técnicos que distinguem a canção da poesia. Eu tenho uma letra que foi musicada por Cláudio Nucci, da banda Boca Livre. Tenho outra letra com um jamaicano, Dudu Reggae, que à época morava no Rio de Janeiro. Gravei vários discos, interpretando composições minhas.

Um escritor de que gosto muito é Graciliano Ramos, não do ponto de vista das ideias que ele escrevia, mas daquelas descrições dos ambientes. Tenho um conto em que narro a história de um personagem que vai para a cidade, e o carro dele para de funcionar. Nesse momento, aparece um menino matuto e eles ficam dialogando cada um do seu jeito, e a comunicação ocorre satisfatoriamente, uma fala complementando a outra.

Na minha biblioteca, há obras com a temática política de esquerda, de formação estratégica, muita literatura, incluindo poesia, muitos livros biográficos, de que gosto muito. Estou lendo agora Francisco Julião, da Liga Camponesa de Recife. Já li a bíblia várias vezes, pois fui evangélico durante catorze anos, depois concluí que esse não era meu espaço, embora acredite em Jesus. Também fazem parte da minha biblioteca algumas obras de Teologia, porque fiz esse curso. Além desses, tenho muitos livros de teoria da literatura, de pesquisa social, de como fazer teses, da história da educação brasileira.

A inspiração e a motivação para a escrita vêm de acordo com a situação que estou vivendo. Estava, por exemplo, numa reunião sobre o 7 de setembro e, de repente, escrevi um poema. Já em relação à produção dos contos é diferente,

porque há um planejamento sobre os elementos que o compõem. Meus contos são inspirados na realidade e ambientados em Macau, principalmente da minha época de adolescente e jovem (aproximadamente até os 30 anos - década de 1990). Muitos contos foram escritos nesse período, quando eu fazia o Curso de Letras. Após isso, fiz um intervalo sem produzi-los e retomei a escrita em 2002. Produzi Chave de Sexo depois que eu terminei o Curso Artes Cênicas, quando tive contato com o texto dramático, e o texto de Sófocles tem influência no título do livro, como já mencionei. No tocante à produção de cordel, meu vizinho Manoel Prazeres, poeta da Paraíba, foi muito importante, porque ele corrige a métrica dos meus cordéis. Eu os utilizo em sala de aula, por isso tenho uma preocupação em acompanhar a norma.

Minha geração teve sorte, porque o único atrativo que tínhamos na minha rua era um rádio a pilha na padaria de Seu Raimundo, na esquina da Rua Marechal Deodoro. Não tínhamos rádio em casa, isso por volta de 1964/1965. Tomávamos banho e íamos todos para a calçada dele, silenciosos e atentos. A partir de 1969, começamos a ter contato com guitarras elétricas, com a viola, e presenciávamos as primeiras televisões e líamos muitas revistas. Essa leitura foi incentivando o processo de escrita. Alguns contemporâneos meus se tornaram engenheiros, outros foram para a música, é o caso de Chico de Hermes, com quem eu dialogava muito e compartilhei muitas composições musicais.

Participo da Academia Norte-Rio-Grandense de Literatura de Cordel e da Academia Macauense de Letras e Artes (AMLA). Antes tínhamos a Associação Macauense de

Escritores, mas não deu certo, porque não estavam à frente as pessoas que estão conduzindo hoje a AMLA, como Alfredo Neves, Horácio Paiva, entre outros, ligados a Diógenes da Cunha Lima. Uma associação precisa de um apoio político simbólico.

Para mim, reconhecimento se dá quando há a terceira parte que compõe a tríade - escritor, obra e leitores. Faz quase 15 anos que Getúlio Moura lançou um livro, mas muitos desconhecem. Há também Macauísmos, de Benito Barros, que aborda a cultura macauense. Em se tratando de minhas referências, menciono Leide Câmara, que publicou o Dicionário da Música Potiguar, que inclui várias artistas macauenses. Escreveu também a biografia de Hianto Almeida, macauense, parceiro de grandes compositores da MPB. O livro Um Grande Rio Macau, de Getúlio Moura, que registra os poetas e artistas de Macau detalhadamente, pois apresenta uma pequena biografia de cada um. Além dessas obras, destaco Causos Macauenses, de Getúlio Teixeira e Sínteses, de Edinor Avelino, pai de Gilberto Avelino. Há também o blog Baú de Macau, criado por Cláudio Guerra, mas está em São Paulo, por isso socializou o acesso para alguns de nós. Há também a Revista Kukukaya, para a qual contribuo.

Estou fazendo um cordel, que é baseado no livro “O Gosto Salgado do Vento”, de Bruno Menescau, que é irmão de Roberto Menescau, um grande compositor da Bossa Nova, que morou em Macau e, por volta dos anos 1972-1973, veio visitar a cidade e, ao passar na Rua do Fórum, onde havia o Bar Piquenique Lanche, que tinha o jogo fliperama, não era

eletrônico, apenas acendia uma luz e era manual. Então ele escreveu uma série de frases, entre elas, “Já tem fliperama em Macau”. No capítulo dois, ele narra quando Lampião e o seu bando foram expulsos de Mossoró e, ao passar por Açu e Ipanguaçu, levaram outra peia desses municípios que estavam avisados. Tentaram entrar em Macau e foram recebidos com bala. Então Bruno Menescau registrou isso em O gosto Salgado do Vento, título inspirado no neto, que quando se aproximava de Macau, dizia: vovô está perto? Porque eu estou sentindo o gosto salgado do vento. Atualmente Bruno tem 90 anos.

Podemos dizer que Macau é o berço de poetas, mas isso por volta dos anos 1970 porque hoje já não é mais assim. Foi dado um passo muito importante recentemente na criação da Academia Macauense de Letras e Artes (AMLA). Desde que foi aberta, não foi publicado livro porque isso custa caro. Eu ainda estou com meu primeiro livro de poesia para ser publicado. O livro que publiquei, por exemplo, custou R\$ 5.000,00, e vender livros não é fácil. Tenho cerca de oito projetos de livro prontos, da minha produção acadêmica no prelo. Outro livro que tenho pronto é uma coletânea de entrevistas de artistas que vieram para Macau: Geraldo Azevedo, Xangai, Nando Cordel, Alcione, Guilherme Arantes, Fagner, Ivan Lins, Lucinha Lins, Moraes Moreira, Chico César.

Como reconhecimento, sou conhecido por ser professor, escritor e por ter envolvimento com a arte. Eu não sei exatamente a origem dessa tendência, porque meus pais e minha família, de um modo geral, não tinham esse gosto. Então eu passei esse meu jeito de vivenciar a arte para toda

minha família, meu filho é musicista, minha filha e minha esposa são atrizes, e fazemos teatro. Na minha casa tem um teatrinho com um palco e uma sala, mas a questão de “passar o pires” desanimou-me muito porque a questão da arrecadação é incompatível com a atividade.

Prosa de Tião Maia

O barco deslizava calmamente pelas águas rasas do rio. O barulho do remo marcava o compasso daquela trajetória e era o único som que se ouvia no ambiente. Um sonzinho plangente. O pescador seguia calado com o olhar fixo na água. Movimentos mecanicamente perfilados. Parecia triste. O samburá tinha peixe bastante, a pesca tinha sido boa e ainda sobrara farinha, rapadura e algumas bolachas. Nada tinha do que reclamar, entretanto, algo não estava indo bem.

Ao longe, se via algumas salinas com os seus enormes montes de sal brilhando ao pôr do sol vermelho, que desabava no horizonte e transformava aquele quadro tão singelo em um belo e pitoresco espetáculo. A embarcação deslizava serenamente, passando por debaixo de ponte Alagamar. Lembrou-se do homem que morrera imprensado nos pilares móveis que serviam para abrir e fechar e dar passagem aos barcos de velas altas. Hoje, esse mecanismo não funciona mais, por isso o pescador deitou o pano enrolado no mastro e remava calmamente. Estava pensativo.

A canoa deslizava fluentemente pelas águas verdes e sombrias do rio, até chegar à sua parte mais larga, onde a vegetação ribeirinha era mais rala e o local mais profundo.

A lama das margens estava cheia de chama-marés acenando nervosamente com as suas palhetas. Insetos e libélulas bailavam freneticamente, tudo na mais perfeita calma. De repente, o vento começou a soprar forte e a água da maré começou a se encrespar. O pescador se sentiu inseguro e passou a tremer. Depois de enfrentar as ondas do mar bravio há bem pouco tempo atrás, não tinha motivo agora para ele ficar se preocupando com um ventinho à toa... tinha? Tinha. A impressão de calma não foi a que predominou. O vento começou a soprar mais forte. O pescador se lembrou da família que estava em casa. O céu ficou escuro. Ele estremeceu. O vento se transformou em rajadas, soprando tudo em sua volta e um grande redemoinho se abriu nas águas turvas e acidentadas do rio. Ele pedia a todos os santos que o ajudassem. Rodopiando violentamente, o caldeirão foi puxando a iole para o centro de seu carrossel. O pescador, com muito medo, lembrou-se que isso deveria ser castigo. O bote deu um tombo e tudo quase vai água abaixo. O pescador recordou que não tinha pago uma promessa que tinha feito para resolver um problema que ele nem sabia mais o que era. O barco deu um solavanco e um grande cavalo de pau... rodopiou... tremeu... estremeceu e jogou o mastro, a vela e os remos, que sumiram rapidamente na água. O pescador deu um grito de parvor. O vento já configurava uma ventania, a embarcação balançava cada vez mais e o pescador tinha medo, muito medo. Seu coração batia desenfreadamente e sua alma estava petrificada de tanto susto. Tudo isso o fez pensar que aquilo era coisa do sobrenatural, castigo mesmo. Ele sabia que não tinha se comportado bem ultimamente. Tinha bebido

demais, mal tinha ido para o mar pescar, não tinha tratado a mulher muito bem... eram muitas as lembranças que foram tragadas pelo desastroso vento que jogava o barco de um lado para o outro, dando um esbarrão no barranco e caindo no centro nervoso do redemoinho. O pescador agarrava as bordas da bateira com os dedos tão duros que pareciam aves de rapina. Era medo, muito medo. Medo medonho, arrepiante. O bote agora deu um tombo muito maior. Bem maior do que o primeiro, jogando na água todas as coisas que ainda estavam dentro dele. O pescador tentava se ajeitar de todas as maneiras para evitar também ser engolido pelas águas revoltas do pequeno acidente furioso da natureza. O vento deu um enorme urro, parecia trovão e tempestade. Um raio lascou o céu e se espatifou pictoricamente em um enorme pé de mangue. Um grande galho partiu ao meio e caiu em cima das bordas da embarcação que quebrou toda e começou a varzar por todos os lados. O pescador desesperado e em pânico virou para segurar na proa do barco, e isso foi sua ruína. Um tronco de mangue, tão grosso quanto o primeiro, quebrou lá em cima e despencou pesadamente em cima da cabeça do pescador, que gemeu de dor. Tonto e com o corpo cheio de sangue que escorreu pelo chão do barco e coloriu a água agitada. Ele pensava que realmente tinha chegado o seu triste fim, porém, ele ainda tinha esperança de se salvar daquela enrascada. O redemoinho agora girava mais rápido, e seu epicentro estava cada vez maior. Com um rugido de fera ferida, o vento deu uma rajada tão forte, mas tão forte mesmo, que jogou o pequeno barco, o pescador todo ensanguentado e o enorme e pesado galho de mangue para

o centro do redemoinho que os deglutiou revoltosamente. O céu explodiu em fagulhas e um grande estrondo retumba no ar. Muita fumaça e névoa escurecem a tarde já no seu final.

Rapidamente, o vento foi acalmando, o rio ficando manso, o céu ficando claro e a noite se aproximando, as luzes da cidade se acendendo. O pescador não chegou em casa. A família ficou esperando. O peixe não chegou. E o corpo?... o corpo foi encontrado dois dias depois engachado nas raízes dos mangues, lá na boca da gamboa. Com os olhos completamente roídos pelos siris.

“O pescador tem dois amores
Um bem na terra e um bem no mar.”

Dorival Caymmmi

(MAIA, 2014, p. 115-117)

Referências

ÁDNA, Leila. **Fênix**: um recomeço. Macau, RN: Gráfica RN Econômico Empresa Jornalística Ltda., 2008. p. 96-97.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012.

GETÚLIO, Moura. **Instinto reverso**. 2 ed. Macau, RN: Imperial Casa Editora da Casqueira Macau, 2a edição, 2015.

MAIA, Márcio. **O destemido Ben e as tarefas do terror**. Macau, RN: Manso Artes Gráficas Ltda., 1998.

MAIA, Tião. **Chave de sexo e outros contos**. Macau, RN: Trupe Mambembe, 2014. p. 115-117.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2016.

NÁSSER, Daniel. **A Ordem da Rosa Branca**: o destino final dos deuses. Macau, RN: Imperial Casa Editora da Casqueira; Offset Editora, 2017. p. 169-170.

OLIVEIRA, Aldenira de. **Metamorfose**. Macau, RN: Imperial Gráfica Editora da Casqueira, 2013.

PAIVA, Horácio. **Navio entre espadas**. Natal, RN: Imperial Casa Editora da Casqueira; Sebo Vermelho, 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Pesquisa (auto) biográfica: narrativas de si e formação**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

VICENTE, João. **Olhos Ateus**. 1 ed. Macau, RN: Imperial Casa Editora da Casqueira, 1998.

Sobre os Organizadores

Sueli Rodrigues da Rocha



*E-mail: sueli.rodrigues@ifrn.edu.br
Mestre em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2018). Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). Graduada em Letras pela mesma universidade em 2005. Atua como professora de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Rio Grande do Norte.*

Francisco Leandro Torres



E-mail: francisco.leandro@ifrn.edu.br

Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL/UFRN, 2015). Pela mesma instituição, cursou a Especialização em Leitura e Produção de Textos (2011) e a Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas (2010). Atua como professor de Língua Portuguesa e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN (IFRN) e professor formador do curso de Especialização em Literatura e Ensino (IFRN, Câmpus EaD).

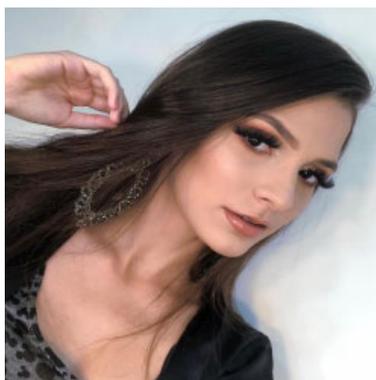
Maria Helena da Silva Cunha



E-mail: helena.m@escolar.ifrn.edu.br

*Técnica em Recursos Pesqueiros
pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Norte – Câmpus Macau.*

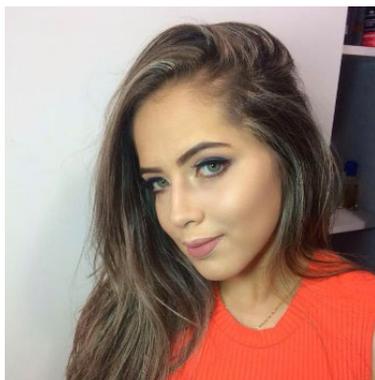
Monique Hellen Teodósio Cunha



E-mail: monique.t@escolar.ifrn.edu.br

*Técnica em Recursos Pesqueiros
pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Norte – Câmpus Macau.*

Nathalia Santana Peixoto



E-mail: nathalia.p@escolar.ifrn.edu.br

*Técnica em Recursos Pesqueiros
pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Norte – Câmpus Macau.*

Pedro Victor de Melo Avelino Batista



E-mail: pedro.avelino@escolar.ifrn.edu.br

*Técnico em Recursos Pesqueiros
pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Norte – Câmpus Macau.*



Composto na
CAULE DE PAPIRO GRÁFICA E EDITORA
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | Natal/RN | (84) 3218 4626

cauledepapiro.com.br

Moinhos de Memórias, título desta obra, é uma metáfora que expressa a força das memórias de dez escritores e escritoras, que, ao se narrarem, movem lembranças de si e do lugar, o município Macau – RN, como os ventos revoltos pelo cata-vento desse lugar, registrado na fotografia da capa. São poetas, escritores e escritoras com obra já publicada, nascidos ou residentes nesse município, que contam vivências relacionada à infância, à vida escolar, ao envolvimento com a leitura e a escrita, ao processo de produção literária e à relação com o lugar. Não se trata de uma coletânea de textos desses escritores e escritoras. Trata-se sobretudo de suas histórias de vida, para que estudantes, professores e professoras, pessoas interessadas em literatura e cultura potiguar viagem nessas histórias e conheçam os ventos favoráveis e os não favoráveis que conduziram esses narradores e narradoras ao processo da escrita literária.